

ARTESANATO **BRASIL**



ARTESANATO **BRASIL**



2016



CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO



*Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas*

ARTESANATO **BRASIL**

2016



Foto: Daniel Ferreira





© 2016 Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais.

(Lei nº 9.610/1998)

Informações e Contato

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SGAS 604/605 Conjunto A Brasília – DF

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional

Robson Braga de Andrade

Diretor-Presidente

Guilherme Afif Domingos

Diretora Técnica

Heloisa Regina Guimarães de Menezes

Diretor de Administração e Finanças

Luiz Eduardo Barretto Filho

Gerente da Unidade de Atendimento Setorial Comércio

Juarez de Paula

Gerente da Unidade de Comunicação

Maria Cândida Bittencourt

Superintendente do Sebrae no Rio de Janeiro

César Vasquez

Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro – CRAB

Gestora do Projeto

Maíra Fontenele Santana

Coordenadores

Heliana Marinho

Paulo Alvim



Coordenação Editorial

Maria Cândida Bittencourt

Edição

Clara Favilla

Produção

Larissa Meira, Renata Rezende

Projeto Gráfico e Diagramação

Contexto Gráfico

Textos

Clara Favilla, Luciana Barreto, Renata Rezende

Revisão

Beatriz Borges, Cindy Nagel, Larissa Meira

Imagens

Cândido Neto, Charles Damaceno, Daniel Ferreira,

Glauco Dettmar, Luciano Freire, Odair Mendes,

Renata Castello Branco, Renata Monteiro,

Sérgio Matos, Acervo Biapó, Acervo IPTI

Tratamento de Imagens

Preview

Impressão

Gráfica Editora Movimento

Versão Março de 2016

F274a

Favilla, Clara.

Artesanato Brasil. / Clara Favilla, Luciana Barreto, Renata Rezende – Brasília : Sebrae, 2016.

188 p. il.

1. Artesanato I. Sebrae II. Barreto, Luciana III. Rezende, Renata IV. Título

CDU – 334.712

SUMÁRIO

	Visão de Futuro Integrantes da diretoria do Sebrae apresentam perspectivas para o artesanato nacional	INSTITUCIONAL 10
	Tradição e modernidade No centro histórico do Rio, CRAB será a casa do artesão brasileiro	CRAB 20
	Estratégias em curso Retrato atual do trabalho do Sebrae e parceiros	ARTIGOS E CASOS 40
Paneleras de Goiabeiras Cerâmica de Vitória, ofício repassado de geração à geração	Bonecas do Jequitinhonha Mulheres de Coqueiro do Campo, independência e reconhecimento	CERÂMICA Espírito Santo Minas Gerais 66
Espedito Seleiro É do couro o sertão-mundo do mestre de Nova Olinda	Dr. Borracha O artesão encanta com sandálias e botas de látex	COURO E LÁTEX Ceará Acre 80
Tapeceiras do Timbi Artesãos incorporam às peças a riqueza do universo sertanejo	Bordados Casa Meyer Resgate dos tradicionais bordados de enxoval cama e mesa	LINHA E TECIDO Pernambuco Santa Catarina 92

PALHA E FIBRA

Goiás | Maranhão

112**Fatinha de Olhos d'Água**

Artesã imprime, na palha, graça e leveza em santos e anjos

Mulheres de Fibra e Rio Grande

Trabalho conjunto deu escala à produção e maior retorno financeiro às artesãs

REAPROVEITAMENTO

Rio Grande do Sul | Pernambuco

128**Colônia São Pedro**

Velhas redes e escamas viram acessórios refinados

WS Artes

Resíduos de couro de bode revestem móveis e objetos

PRATA E PEDRA

Minas Gerais | Piauí

142**Prateiros do Leite**

Artesãos especializaram-se na arte da ourivesaria

Opalas de Pedro II

Cadeia produtiva da pedra movimenta a economia da cidade

MADEIRA

Acre | Amazonas

158**Marchetaria do Acre**

Maqueson vê tesouros em pedaços abandonados de madeira

Nova Esperança

Célio Terêncio alia habilidade manual e sensibilidade apurada na floresta

CONCLUSÃO**182****Viagem pelo Brasil**

Peças expostas ou à venda no CRAB mostram nossas cores, formas e sabores, nosso mosaico cultural

SAIBA MAIS**184****Artesanato em casa**

Onde vivem os artesãos citados neste livro e os contatos para compra de suas peças



Foto: Claudio Dettmar

Praça Tiradentes, centro do Rio de Janeiro, vista de uma das janelas da fachada principal do CRAB

“Pela criatividade, densidade cultural e diversidade, o artesanato tem enorme potencial como ocupação empresarial organizada”

Robson Braga de Andrade,
Presidente do Conselho
Deliberativo Nacional do Sebrae

Cadeia produtiva vantajosa

O artesanato é atividade econômica importante para a maioria dos municípios brasileiros

PODE PARECER UMA CONTRADIÇÃO, mas não é: a globalização tornou a economia e o conhecimento universais, mas também valorizou a cultura local. O artesanato é uma atividade que tirou grande proveito desse movimento de retorno às origens, mesmo num período de franca internacionalização.

O trabalho artesanal, uma espécie de contrapartida à massificação e à uniformização



Foto: Divulgação CNI

de produtos, promove o resgate cultural e a identidade regional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 67% dos municípios no país têm o artesanato presente na economia.

Conhecer a cadeia produtiva do artesanato é encontrar uma série de vantagens. Ela usa matéria-prima natural, incentiva a inserção da mulher e do adolescente em ações produtivas, e estimula a prática do associativismo. Além do mais, promove o desenvolvimento local, atenuando o crescimento desordenado dos centros urbanos.

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) atua fortemente nesse segmento, visando multiplicar renda e ocupação num setor de maciça atuação de pequenos empreendedores. Pela criatividade, densidade cultural e diversidade, o artesanato tem enorme potencial como ocupação empresarial organizada.

O Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), na cidade do Rio de Janeiro, é um instrumento importante para estimular o ofício artesanal. Ele resulta de uma proveitosa parceria entre a prefeitura carioca, o governo do Estado e o Sebrae.

O CRAB vai oferecer conhecimento, informação e oportunidades, contribuindo, sem dúvida, para fortalecer o artesanato brasileiro. Todos nós saímos ganhando com a iniciativa, que deixa o Brasil mais próspero e o Rio de Janeiro ainda mais belo.

**O ARTESANATO TIROU
GRANDE PROVEITO
DO MOVIMENTO
DE RETORNO ÀS
ORIGENS, MESMO EM
PERÍODO DE FRANCA
INTERNACIONALIZAÇÃO**

“Reconhecemos o artesanato
como espelho das
identidades locais”

Guilherme Afif Domingos,
Diretor-Presidente do Sebrae



Foto: Renata Castello Branco

CRAB, vitrine do artesanato brasileiro

Meta é a valorização
cultural e comercial
do segmento

HÁ MAIS DE 40 ANOS, o Sebrae trabalha para desenvolver o empreendedorismo brasileiro, fomentando ações de estímulo, principalmente na área de capacitação. Nessa caminhada, batalhamos muito para melhorar o nosso ambiente de negócios e assegurar um tratamento diferenciado às micro e pequenas empresas.

O artesanato sempre fez parte dessa história. Mas foi, em 1997, que o Sebrae iniciou uma atuação mais firme direcionada ao artesão, nas áreas de criação, de produção e de comercialização. Desde então, a Instituição vem sendo protagonista de grandes ações como o Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato, que está em sua 4ª edição, e o projeto *Brasil Original*, uma estratégia diferenciada de comercialização.

Para integrar todas as iniciativas de desenvolvimento do artesanato, por meio da produção e disseminação de conhecimento, da constante qualificação, valorização cultural e comercial do segmento, estamos implantando o Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB).

Com abrangência nacional e visando beneficiar artesãos de todo o país, o CRAB funcionará como uma grande vitrine. Terá como meta provocar transformações que ampliem a percepção do consumidor e as oportunidades de mercado.

Será um instrumento de política de fomento e de reposicionamento estratégico do artesanato, de modo a valorizá-lo como expressão da nossa diversidade cultural.

Nesta publicação, apresentaremos a construção do conceito do CRAB, as várias conquistas obtidas e os desafios no horizonte. Vamos mostrar casos de sucesso e de inspiração, a partir de várias técnicas e matérias-primas espalhadas pelo Brasil. Reconhecemos o artesanato como espelho das identidades locais que revelam a nossa alma e o nosso imaginário popular.

**O CRAB
INTEGRARÁ
TODAS AS
INICIATIVAS DE
DESENVOLVIMENTO
DO ARTESANATO,
TENDO COMO
FOCO A
INOVAÇÃO**

“O estímulo ao empreendedorismo ligado à arte popular é um marco importante, motivo de celebração”

Heloisa Meneses,
Diretora Técnica do Sebrae

Espaço de excelência e conexão criativa

Nasce um novo ponto de irradiação de boas práticas e de conhecimento

AS MÃOS CRIATIVAS, que transformam em arte genuína pedaços de madeira, punhados de barro, metros de fibras, além do papelão, vidro e outros materiais, muitos deles reciclados, revelando a força da identidade brasileira em peças decorativas e utilitárias, encontram, agora, um espaço de reconhecimento e valorização.

Na Praça Tiradentes, epicentro cultural do Rio de Janeiro, nasce um novo ponto de conexão, de irradiação de boas práticas e de conhecimento, o Centro Sebrae de Referência



Foto: Charles Damasceno/Agência Sebrae

do Artesanato Brasileiro (CRAB). Com instalações modernas, amplas e restauradas, o centro dará visibilidade às estratégias implementadas pelo Sebrae e parceiros de qualificação e de reposicionamento mercadológico do artesanato, de capacitação de todos os elos da sua cadeia produtiva. O estímulo ao empreendedorismo ligado à arte popular é um marco importante, motivo de celebração.

O CRAB também é peça-chave no processo de revitalização e ressignificação do conjunto arquitetônico da Praça Tiradentes, formado por três edificações centenárias diferenciadas, agora esteticamente unificadas para sediar o contemporâneo e o multicultural. É o espaço da criatividade artesanal para promover a conexão e o diálogo entre segmentos da economia criativa. Suas atividades estarão voltadas também ao comércio e ao lazer.

Esse novo equipamento cultural à disposição da sociedade terá ainda a missão de manter-se conectado com o mercado global, suas tendências e oportunidades. Com isso, será possível impulsionar um número cada vez maior de empreendimentos responsáveis quase sempre pela fonte principal da renda familiar.

O desafio é colocar o artesanato na vanguarda do século 21. Boa parte dos artesãos já usa a internet para divulgação de seus produtos. Pretendemos ampliar as possibilidades de interatividade do segmento. Nosso propósito é que o CRAB, associado a projetos e ações de grande abrangência, consolide-se como o maior e melhor centro de excelência e inovação em suas múltiplas expressões. É a casa do artesanato contemporâneo, do restauro, da cultura brasileira, no coração do Rio de Janeiro, sempre aberta aos agentes de promoção desse importante segmento da economia criativa.

**O CRAB ESTARÁ
CONECTADO
AO MERCADO
GLOBAL, SUAS
TENDÊNCIAS E
OPORTUNIDADES**

“Na atividade criativa, é preciso aprender sobre gestão, inovação, sustentabilidade e outros conceitos do mundo dos negócios”

Luiz Barretto,
Diretor de Administração
e Finanças do Sebrae



Foto: Rodrigo de Oliveira

Artesanato, destaque na Economia Criativa

Saberes tradicionais aplicados à produção de bens e serviços revelam força transformadora

O ARTESANATO TRADUZ a identidade de um povo. E traduzir a diversidade de um país continental como o nosso é uma atividade nobre. Por isso mesmo, o artesanato necessita de apoio de instituições para que possa conquistar a posição de destaque que merece na cultura e na economia.

Há mais de quatro décadas, o Sebrae se dedica a fomentar o empreendedorismo e, especialmente nos últimos anos, observamos o crescimento da chamada economia criativa no Brasil. Dentro dela, o artesanato ocupa papel de destaque.

A atividade artesanal é fonte de renda para grande número de famílias brasileiras, seja nos grandes centros ou nos pontos mais distantes, demonstrando muita força na geração de empregos. Foi reconhecida recentemente, graças à sanção da Lei do Artesão, em 2015. Trata-se de atividade que encontra total viabilidade na economia formal. Cresce a adesão dos profissionais da área ao Microempreendedor Individual (MEI), sistema que garante cidadania empresarial e direitos previdenciários com baixo custo e sem burocracia.

Estamos atentos à dificuldade do artesão – comum a outros empreendedores – em administrar seu trabalho, formar preço, lidar com fornecedores e clientes. Mesmo na atividade criativa, é preciso aprender sobre gestão, inovação, sustentabilidade e outros conceitos do mundo dos negócios.

A proposta do Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB) é reunir, em um espaço histórico privilegiado, ações de capacitação profissional e de exposição do melhor do artesanato brasileiro. O centro exporá ao público peças que utilizam diferentes matérias-primas e técnicas. Também será um local de aprendizado, de oficinas, de cursos e de orientação permanente para o empreendedorismo.

O Rio de Janeiro, onde fica a sede do CRAB, é a nossa cidade mais conhecida internacionalmente e também uma das mais visitadas por estrangeiros e brasileiros. O CRAB pertence a todo o Brasil. Todos os estados e regiões estarão ali representados e atuantes. Aproveitando a exposição que a cidade e o País ganham neste momento com os Jogos Olímpicos, é com muito orgulho que o Sebrae abre as portas dessa grande vitrine do nosso artesanato para o mundo.

**CRESCER
RAPIDAMENTE A
FORMALIZAÇÃO
ENTRE OS
PROFISSIONAIS
DA ÁREA DO
ARTESANATO**

“O artesanato representa uma atividade econômica relevante, que gera quantidade expressiva de ocupações”

Juarez de Paula,
Gerente da Unidade de Atendimento
Setorial Comércio do Sebrae



Foto: Bernardo Rebelo/Agência Sebrae

Relevância artística e econômica

A casa do artesanato é um marco no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro

A PRODUÇÃO ARTESANAL, presente em todo nosso território, é reconhecida como uma expressão importante de identidade local e de diversidade cultural, que enriquece o nosso patrimônio simbólico e artístico. Além disso, representa uma atividade econômica relevante, que gera quantidade expressiva de ocupações, seja na produção, seja na comercialização.

O Sebrae tem sua estratégia de atuação focada no reposicionamento mercadológico do segmento, apoiando-se em três projetos estruturantes: o Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), como espaço privilegiado de exposição e capacitação; o Projeto Brasil Original, de montagem de lojas conceituais temporárias para conquista de novos mercados; o Prêmio Sebrae TOP 100

de Artesanato, para reconhecimento e divulgação das melhores unidades produtivas do país.

A criação do CRAB é uma iniciativa de grande relevância. Trata-se de um espaço para exposições, eventos, capacitação e comercialização que o Sebrae instalou na cidade do Rio de Janeiro, principal porta de entrada do turismo internacional e nosso mais expressivo polo de economia criativa.

Localizado na Praça Tiradentes, no centro histórico da cidade, o CRAB deve tornar-se, nos próximos anos, um importante ponto de visitação e de negócios.

Como centro de referência, o CRAB também pretende ser um polo de estudos e debates sobre o artesanato, não só como expressão da nossa arte e cultura, mas também como um segmento de negócios que sustenta milhares de pequenos empreendimentos.

O Sebrae orgulha-se de devolver à cidade do Rio de Janeiro, na passagem de seus 450 anos, um conjunto de edificações de inestimável valor histórico, cultural e arquitetônico, além de oferecer ao país um instrumento valioso de promoção do artesanato.

Este livro, um marco comemorativo da inauguração do CRAB, oferece ao leitor um breve histórico sobre o processo de desenvolvimento do conceito deste centro de referência, relatos sobre a escolha do seu local de instalação e o restauro dos prédios históricos.

Também oferece artigos sobre a atuação do Sebrae e um panorama atual da produção nacional, considerando-se a diversidade regional e de tipologias. É um convite para que você mergulhe no mundo mágico, criativo e encantador do artesanato brasileiro.

**O CRAB
PRETENDE SER
UM POLO DE
ESTUDOS E
DEBATES SOBRE
O ARTESANATO
BRASILEIRO**



Tradição e modernidade

Três edifícios centenários restaurados abrigam o Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB)

O que era ruína brilha de novo | 23

Definição conceitual e espacial | 24

Potência do Objeto | 26

Breve histórico da restauração | 28

O CRAB NASCE COMO GRANDE ESPAÇO DE REFLEXÃO, EMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO. TEM COMO PROPOSTA SER RECONHECIDO E ADMIRADO COMO A GRANDE REFERÊNCIA DO ARTESANATO EM TODOS OS SENTIDOS: ESTÉTICO, ÉTICO, CONCEITUAL, PROMOCIONAL, DE MEMÓRIA E DE CONHECIMENTO

CRAB



O que era ruína brilha de novo

Edifícios da Praça Tiradentes foram restaurados para sediar o CRAB

OS SALÕES E ESCADARIAS DO SOLAR Visconde do Rio Seco, que trabalhou na Corte de Dom Pedro II, voltam a se iluminar, depois de mais de um século, com a mesma glória de outrora. Desta vez, para abrigar o Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB).

O solar fica em uma das esquinas da Praça Tiradentes, onde bate forte o coração histórico do Rio de Janeiro, palco de fatos relevantes que construíram o Brasil. É mais uma pérola preciosa do colar formado por um conjunto de edifícios e espaços que falam à alma da cidade e de todo o país: os centros culturais da Carioca e Hélio Oiticica, os teatros João Caetano e Carlos Gomes e o Real Gabinete Português de Leitura. Está também a dois passos dos bares e restaurantes da Rua do Lavradio e bem perto de outra joia arquitetônica, o Teatro Municipal.

Apenas uma pequena caminhada separa o encontro entre o histórico e tradicional, representado pela Praça Tiradentes, e o conjunto de edifícios que espelha o Brasil moderno: as sedes da Petrobras, do Banco Nacional de Desenvolvimento

Econômico e Social (BNDES) e da Caixa Econômica Federal (CAIXA), além da Catedral Metropolitana.

O solar e outros dois prédios vizinhos, também centenários e voltados para a Praça Tiradentes, foram cedidos ao Sebrae pelo Governo do Estado e pela prefeitura do Rio de Janeiro. Passaram por um rigoroso trabalho de restauração, sob o olhar atento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) e do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (Irph).

O trabalho envolveu especialistas de várias áreas, arquitetos, arqueólogos, pesquisadores, além de mestres marceneiros e trabalhadores dos mais qualificados. Portas, janelas e pisos foram refeitos. Critérios de sustentabilidade ambiental para iluminação e climatização foram cuidadosamente incorporados aos edifícios que, vistos da praça, mantêm a individualidade visual. O CRAB está, agora, ali, para ser a marca reveladora da origem e trajetória dos artesãos brasileiros.

**RESTAURAÇÃO DE PRÉDIOS
CENTENÁRIOS DÃO NOVA VIDA À
PRAÇA TIRADENTES, NO CENTRO
HISTÓRICO DO RIO DE JANEIRO**

Definição conceitual e espacial

O CRAB NASCE como grande espaço de reflexão, emoção e comercialização. Tem como proposta ser reconhecido e admirado como a grande referência do artesanato em todos os sentidos: estético, ético, conceitual, promocional, de memória e de conhecimento. Para que se concretizasse, um longo caminho foi percorrido na construção de estratégias de atuação e restauração arquitetônica.

Em 2011, o Sebrae iniciou ampla discussão conceitual sobre o CRAB. Convidou, para isso, um grupo de especialistas da área, entre antropólogos, designers, artesãos, gestores de

projetos de artesanato e professores. Dessas discussões, nasceram definições estratégicas e também dos espaços necessários para que o centro cumprisse os objetivos propostos.

“A definição espacial e conceitual guiou os projetos de restauração dos prédios centenários da Praça Tiradentes,” explica Maíra Fontenele Santana, coordenadora nacional da Carteira de

“A definição espacial e conceitual guiou os projetos de restauração”

Maíra Fontenele Santana,
Gestora do Projeto CRAB

“Os eventos realizados mostraram a abrangência das ações na área do artesanato”

Marília Chang, gestora do
“Crabinho” até 2014

“O artesanato brasileiro ganhou uma casa para expressar seu valor”

Heliana Marinho,
Coordenadora do CRAB

Foto: Luciano Nêre



Foto: Renata Monteiro/Sebrae RJ





**POLTRONA DOS
DESIGNERS IRMÃOS
CAMPANA FEITA COM
BONECAS DE PANO
DAS ARTESÃS DE
ESPERANÇA, PARAÍBA**

Projetos de Artesanato do Sebrae e gestora do Projeto CRAB. Trata-se de um desafio inspirado na importância da localização e do valor histórico dos prédios, onde está instalado. O contrato de utilização dos prédios, firmado entre o Sebrae, o governo estadual e a prefeitura do Rio de Janeiro, já explicitava a destinação dos imóveis.

O centro passou a funcionar em 2009, no menor dos prédios, o de número 71, que havia passado por revitalização a cargo da prefeitura do Rio. Até fechar as portas para as grandes obras de restauro, que unificaram os três prédios, foi chamado de Crabinho. Era dotado de sala de exposições, auditório e biblioteca.

Sob a gestão de Marília Chang, do Sebrae no Rio de Janeiro, sediou importantes eventos, como a Mostra Paraíba, que contou com a cerâmica da artesã Nevinha, as bonecas de pano da cidade de Esperança e as rendas da região do Cariri.

Também estiveram à disposição dos visitantes especialidades gastronômicas, como a Cocada na kenga (casca do fruto) e as cachaças da região do Brejo. O centro, com as mostras que culminaram na Exposição *A Potência do Objeto*, durante a Copa 2014, mostrou-se vocacionado a uma ocupação que pode extrapolar as paredes de seus edifícios e ganhar a Praça Tiradentes.



Fotos: Divulgação Sebrae

Objeto de desejo

As estratégias e eventos promovidos por um centro de tal envergadura certamente contribuirão para transformar a imagem estereotipada em torno dos produtos artesanais.

Segundo Heliana Marinho, coordenadora do CRAB, o artesanato brasileiro “tão rico em qualidade e diversidade, ganha uma casa para expressar toda a sua importância.

Para Heliana, que também é gerente da Unidade de Desenvolvimento da Economia Criativa do Sebrae no Rio de Janeiro, as ações previstas tornarão o artesanato objeto de desejo de consumidores ávidos pelo que é, ao mesmo tempo, contemporâneo e tradicional.

“Trata-se de devolução ao Rio de Janeiro de equipamento cultural de valor inestimável”
Cezar Vasquez, superintendente do Sebrae no Rio de Janeiro

Provisório e construtivo

UMA GRANDE EXPOSIÇÃO, *A Potência do Objeto*, integrou a programação paralela à Copa 2014 e marcou o início do grande trabalho de reabilitação dos três prédios centenários da Praça Tiradentes.

Os prédios foram unificados internamente para que sediassem o CRAB, a partir de março de 2016. O restauro começou pela fachada do Solar do Visconde do Rio Seco com a recuperação de suas portas e janelas.

A exposição ficou aberta ao público, em meio às obras, de 27 de maio a 26 de julho, período da Copa, e apresentou o artesanato nacional a partir de sete instalações.



Foto: Renata Monteiro/Sebrae RJ



A situação do provisório e construtivo inspirou o projeto da expografia por meio do uso do ferro em diálogo com a iluminação e a música.

O então presidente do Sebrae, Luiz Barretto, destacou, durante a inauguração, que o CRAB, nas novas instalações, passaria a funcionar como moderno centro de aprimoramento da capacidade empresarial dos artesãos, ofertando um conjunto contínuo de atividades variadas em seus espaços de oficinas e multiusos.

Para o superintendente do Sebrae no Rio de Janeiro, Cezar Vasquez, trata-

se de devolução ao Rio de Janeiro de equipamento cultural de valor inestimável que valorizará ainda mais o chamado Corredor Cultural da cidade, um presente aos cariocas e visitantes.

“O CRAB, por estar em local histórico da antiga capital do Brasil, porta de entrada para a maioria dos turistas estrangeiros, é patrimônio de todos os brasileiros,” ressaltou Vasquez.

A coordenação de curadoria da exposição foi de Jair de Souza. A direção executiva, de Marisa Manfredini com consultorias de José Nemer e Adélia Borges.



A EXPOSIÇÃO, UMA TRAVESSIA LÚDICA PELAS REGIÕES DO PAÍS, ENCANTOU CARIOCAS E TURISTAS. NA FOTO ACIMA, LEÕES EM CERÂMICA DE NUCA DE TRACUNHAÉM (PE)

Breve histórico da restauração

JOIA DA MONARQUIA BRASILEIRA, o Solar Visconde do Rio Seco abrigou, sucessivamente, a partir da Proclamação da República, entidades e também órgãos oficiais. Chegou a sediar o Ministério da Justiça, quando o Rio de Janeiro era a capital do país, e mais tarde o Detran.

Muitas intervenções aconteceram para que o solar pudesse abrigar as funções que lhes foram destinadas, como as transformações das grandes janelas do térreo em portas. Outra foi a abertura na estrutura interna para o funcionamento de um elevador.

As intervenções de natureza utilitária e depois o abandono deterioraram as condições do solar, que passou, inclusive, por um processo contínuo de depredação interna. Portas, janelas e parte dos pisos foram arrancados e removidos para destino ignorado.

Para reabilitar o prédio histórico e os dois edifícios centenários também contíguos, o Sebrae contratou a Biapó Construtora, empresa especializada em restauração. O sonho de um centro que realmente representasse a qualidade e a beleza do artesanato brasileiro começou a ganhar forma.



Foto: Aervo Biapó

A RESTAURAÇÃO ENVOLVEU ARQUITETOS, ARQUEÓLOGOS, PESQUISADORES, ALÉM DE MESTRES MARCENEIROS E TRABALHADORES QUALIFICADOS



Foto: Glaucio Dettmar

Esquadrias

O cronograma das obras de restauração começou, em março de 2014, com a instalação da marcenaria para recuperação de todas as janelas e portas do solar. Não foi possível o aproveitamento de nenhuma das esquadrias existentes. Todas estavam bastante modificadas, comparando-se com as originais. A fabricação das novas passou pelo desengrosso (desbaste) e desempenho dos pranchões de cedro, montantes e almofadas, montagem das folhas das esquadrias e colocação dos frisos de moldura.



Fotos: Acervo Biago



Novas esquadrias exigiram talento e habilidade dos marceneiros



Escadaria

Quando a equipe de arquitetos e restauradores mapeou as obras previstas, a bela escadaria da entrada do solar era apenas marcas nas paredes e no piso. Tudo havia desaparecido. Nada restava da imponente obra de marcenaria. Apenas um dos balaústres (peças que formam parapeitos, corrimãos ou grades de apoio ou proteção) foi encontrado, já depois dos trabalhos iniciados.

A partir desse balaústre mais grosso, o de arranque da escada, de fotos obtidas do acervo do Inepac e da análise de exemplares de escadas em madeira da mesma época, foi possível refazer as peças mais finas da balaustrada. A estrutura de suporte da escadaria foi refeita. Também foram reproduzidos todos os degraus em madeira de angelim.



Fotos: Arquivo Bapo



Durante os trabalhos foram achados dois degraus, o que facilitou a reprodução das escadarias nas dimensões originais



Antigo esplendor

A restauração restituiu o esplendor da escadaria, assoalhos e pisos de ladrilhos hidráulicos do Solar Visconde do Rio Seco, o principal prédio do CRAB. Ao percorrer cada um dos pavimentos que integram o centro, o visitante vai se deparar com o melhor da criatividade popular brasileira em um dos mais requintados ambientes históricos do Rio de Janeiro.



Breno Barreto de Oliveira, centro, teve a supervisão do pai marceneiro, Sandro Cunha de Oliveira, à esquerda, e a parceria de Bruno William na reconstrução das escadarias da entrada do Solar

CRAB

Telhado

Ripas e telhas francesas foram retiradas do telhado dos fundos do solar. A estrutura ganhou novo ripamento em vários pontos e, após a lavagem, as telhas francesas foram reassentadas.



Fotos: Acervo Bapo



**A IMPERMEABILIZAÇÃO
INTERNA DO TELHADO
FOI TODA REFEITA**

Pisos de madeira

A restauração estrutural dos pisos começou com o desmonte controlado de tábuas e a retirada de barrotes (vigas grossas usadas na sustentação de assoalhos, tetos e escadas). O piso apresentava emendas inadequadas nos barrotes ou comprometimento da madeira pela ação de cupins. As peças originais foram selecionadas conforme o estado de conservação e o tamanho. As em boas condições foram reinstaladas e complementadas por novas em maçaranduba.



Foto: Glaudio Detmar

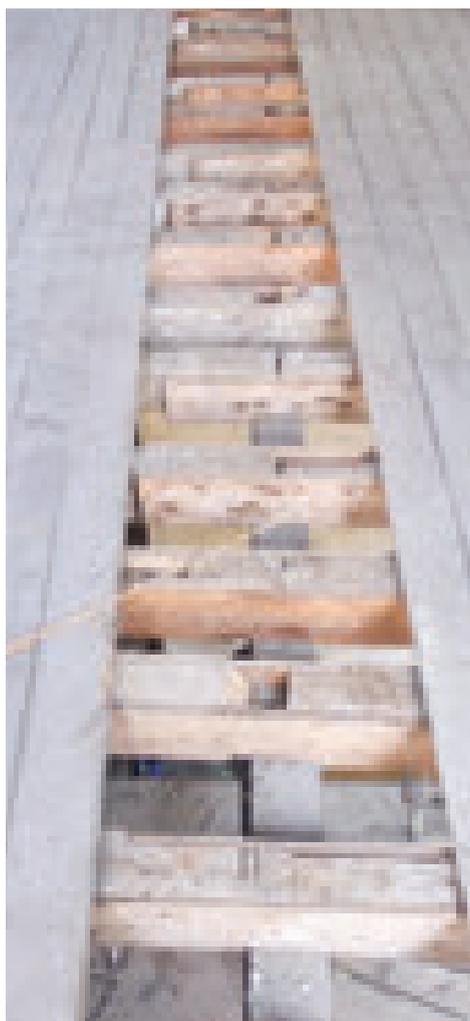


Foto: Azevo Biapo

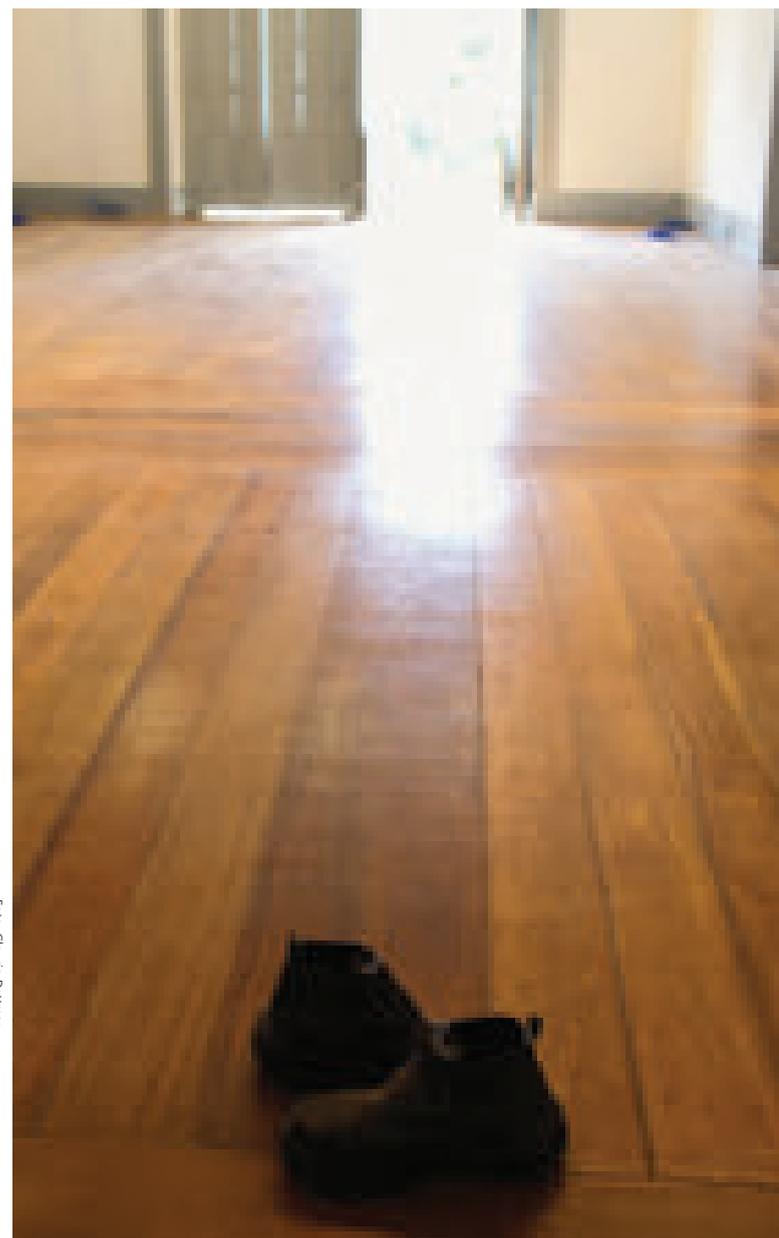
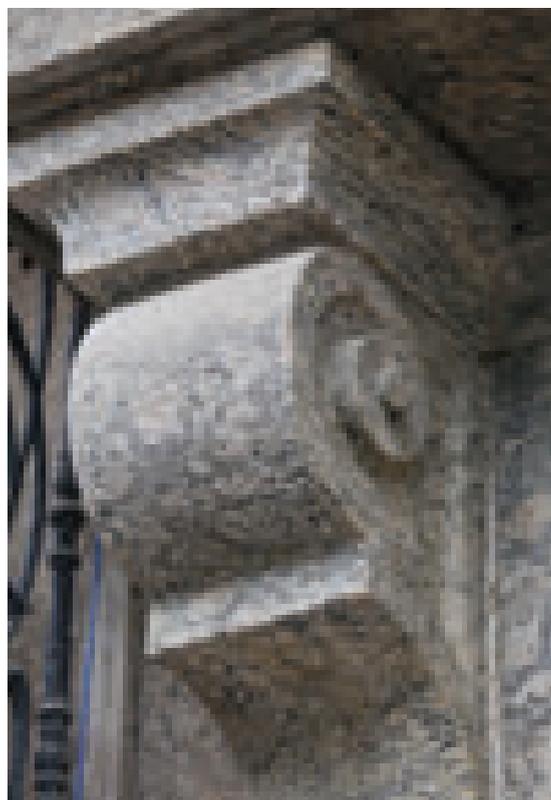


Foto: Glaudio Detmar

NADA FOI APROVEITADO DO ANTIGO ASSOALHO DO SEGUNDO PAVIMENTO, QUE FOI REFEITO EM IPÊ-CHAMPAGNE



Fotos: Glaucio Detmar



Espaços interligados

O acesso principal do Solar Visconde do Rio Seco foi mantido. Mas o CRAB ganhou uma nova entrada, no edifício do meio, o de número 69, que dará acesso ao restaurante de comidas típicas e à loja-conceito *Brasil Original* para a comercialização permanente de artesanato de todo o país.

Os acessos levam ao *hall* do Solar (eixo de circulação), com elevador de grande capacidade que atenderá ao público em geral e garantirá acessibilidade a portadores de necessidades especiais.

Dessa forma, a restauração manteve as características do Solar, de espaços amplos e interligados. O primeiro pavimento destina-se a exposições. O segundo abriga a sala multiuso e áreas abertas de encontro e convívio.



A restauração revelou belas obras de cantaria, a arte de talhar a pedra



Ladrilhos

Prospecções revelaram os padrões dos ladrilhos hidráulicos de cada salão e das diversas soleiras do Solar. Descobriu-se que uma das peças remanescentes era de origem alemã, produzida pela fábrica Villeroy & Boch, de grande prestígio internacional no ramo, que exportava para todo o mundo, a partir de meados do século 19. A fábrica ainda funciona, mas as peças que faltavam foram reproduzidas no Brasil.



Ladrilhos dos antigos pisos foram retirados, restaurados, refeitos e recolocados





Trabalho paciente

AS ESTÁTUAS DO TELHADO do Solar Visconde do Rio Seco foram cuidadosamente restauradas. Duas delas, as que representam a indústria e a sabedoria, foram, em 2011, retiradas do coroamento e trazidas para o térreo. As demais, que representam a agricultura e a navegação, nunca foram removidas, desde instaladas, há mais de cem anos.

A primeira etapa do trabalho foi a higienização das peças por especialistas. A segunda foi a obturação de trincas e fissuras por meio de um preparado desenvolvido pelo químico Boris Claros, já que o similar não é encontrado à venda no Brasil.

Um acrílico à base d'água, mais maleável, permitiu que se desse o acabamento sem danificar a matéria original. Em seguida, foi feita a reintegração cromática com a mesma tonalidade de ocre com pinceladas tracejadas acompanhando a direção dos riscos existentes na peça.

**AS ESTÁTUAS
REPRESENTAM,
RESPECTIVAMENTE,
DE CIMA PARA
BAIXO, A COMEÇAR
DA ESQUERDA:
A AGRICULTURA,
A NAVEGAÇÃO,
A SABEDORIA E
A INDÚSTRIA**



Fotos: Glaucio Detmar

No caso da escultura que representa a navegação, a restauração recompôs uma das pontas da âncora a partir da remanescente. Optou-se pela não recomposição dos dedos que faltavam por falta de registros das formas e posições originais.

Também foram removidos vestígios de repintura de tonalidade avermelhada e escura das duas esculturas retiradas do coroamento do edifício. Para isso, usou-se removedor de cera e respingos de tinta à base d'água e bastonetes com pontas de algodão.

Ficou assim revelada a tonalidade clara e amarelada do material terracota, o que destacou minuciosos detalhes que ressaltaram o contraste de luz e sombra próprio do volume cheio de reentrâncias das peças.



Trabalho árduo e responsável

OS CUIDADOS PRÓPRIOS DE UMA RESTAURAÇÃO da envergadura da sede do CRAB ditaram o cumprimento gradual, passo a passo, de cada etapa do processo



Na foto, grande parte dos trabalhadores da Biapó que renovaram os três prédios, onde funciona o CRAB. Várias equipes participaram da restauração: marceneiros, pedreiros, eletricitas, instaladores de piso, restauradores. Cada equipe contou com um mestre que respondeu diretamente ao coordenador-geral de obras, Sandro Cunha de Oliveira, terceiro à direita, em pé. O primeiro à esquerda, em pé, é o engenheiro supervisor Jorge Campana

Convivência e informação

O prédio nº 69 foi recebido pelo Sebrae sem telhado, sem pisos dos pavimentos e sem paredes internas. Estavam mantidas apenas as fachadas frontal e a de fundos. O local era um vazio entre o Solar e o prédio menor, o de número de 71, onde funcionou o Crabinho, de 2009 a julho de 2014.

O vazio permaneceu como espaço de circulação, permitindo ventilação e iluminação natural dos edifícios vizinhos, tendo sido batizado de *Rua do Mercado*, por dar acesso ao restaurante, à direita de quem entra, e à loja *Brasil Original*, à esquerda.

Esse acesso principal conecta os edifícios ao espaço público da Praça Tiradentes. É o coração do CRAB, solução para um equipamento cultural, que permite ao visitante visualizar, tomar posse do espaço e compreender as múltiplas possibilidades das atividades propostas.

A *Rua do Mercado* é um prolongamento da praça, como se dela fizesse parte. É como se a calçada penetrasse, de fato, nas instalações do edifício, fazendo-o também transbordar para a praça. É a via que generosamente permite o trânsito livre ao CRAB, espaço de chegada e de convivência.



**NA ENTRADA,
PAREDES
FICARAM SEM
REVESTIMENTO
PARA MOSTRAR
ANTIGAS
TÉCNICAS DE
CONSTRUÇÃO**

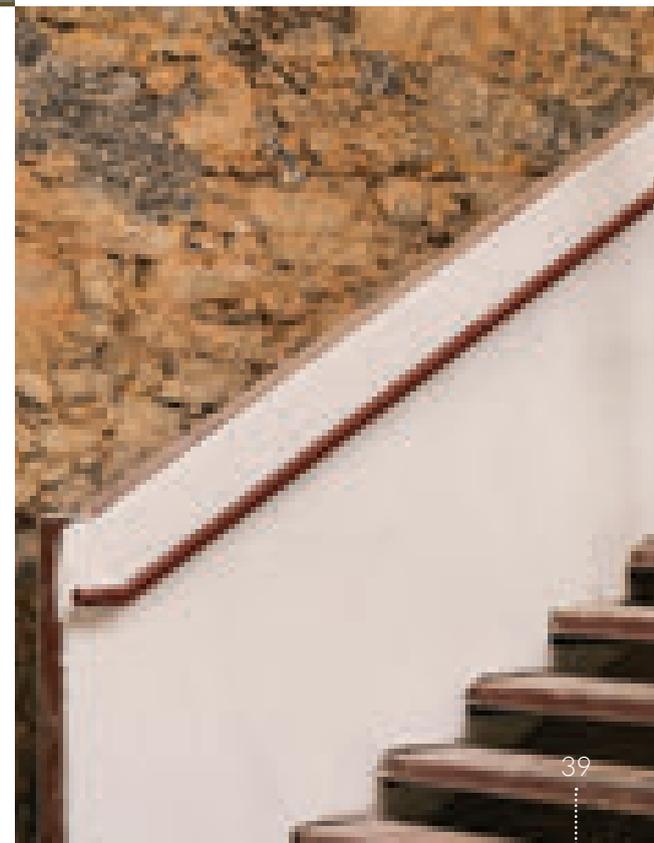






Foto: Acervo IPT

ARTIGOS E CASOS

Estratégias em curso

Especialistas e empreendedores mostram como o Sebrae orienta o desenvolvimento do artesanato nacional

Resgate dos saberes populares | 42

Organização contínua da cadeia produtiva | 46

Perspectivas para o artesanato brasileiro | 50

Contemporâneo e tradicional | 54

Qualidade e identidade | 58

Novas técnicas de produção e qualidade de vida | 62

Resgate dos saberes populares

Novas técnicas e *design* fortalecem a identidade local

“O resgate e a valorização dos saberes populares precisam ser ajustados às tendências de mercado”

Malba Aguiar, consultora



Foto: Gláucio Detmar

AÇÕES IMPLEMENTADAS E VALORIZADAS por meio de parcerias entre as esferas públicas e privadas vêm desenhando, principalmente nas últimas duas décadas, o reposicionamento mercadológico do artesanato brasileiro. Prova do avanço na conquista de mercado é a utilização de peças artesanais em projetos de decoração e em coleções de vestuários, calçados e acessórios de arquitetos e estilistas de prestígio.

Isso mostra como é possível aliar a tradição ao contemporâneo, reforçando nossa identidade cultural dentro e fora do país. O desafio permanente é o de incorporar design e novas tecnologias à produção artesanal sem que a identidade local se perca. O resgate e a valorização dos saberes populares precisam ser ajustados às tendências de mercado, uma premissa já consolidada em muitos países da Europa e da América Latina, mas ainda não no Brasil.

O Sebrae, ao longo dos anos, implementou ações que mudaram a ideia que se tinha de uma instituição voltada apenas para micro e pequena empresas formalmente constituídas. Isso porque, ao ter a produção qualificada e acesso a mercados, o artesão certamente poderia optar por ser empresário. O que vem acontecendo.



Foto: Divulgação Sebrae SE

O desenvolvimento de novos produtos, como bolsas e outros acessórios, em renda irlandesa, permitiu às artesãs de Divina Pastora (SE) a maior inserção no mercado de moda e é um exemplo de intervenção bem sucedida

No âmbito do projeto Tradição e Renovação, implantado na década de 90, o Sebrae trouxe, à Brasília, *designers* da Colômbia, da Alemanha e da Itália para ministrar oficinas simultâneas de artesanato em madeira, cerâmica, pedra sabão, couro, tecelagem e flores do cerrado. A iniciativa resultou em projeto-piloto para se estender a metodologia a todo o país.

Durante o Tradição e Renovação, houve o resgate e a valorização de saberes populares associados às novas técnicas

que adequassem processos produtivos artesanais, como os da cerâmica, às regras de proteção ambiental. Também ficou claro como os materiais eram passíveis de conjugação e como os artesãos poderiam trabalhar de maneira cooperativa, demandando uns dos outros. Tudo com foco nas tendências de mercado.

O projeto foi ainda o ponto de partida para a integração artesão e *designer*. Cabe a este profissional analisar o produto, a ergonomia e incorporar a adoção da tecnologia necessária. A partir do sucesso dessa iniciativa, o Sebrae criou o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, de

abrangência nacional, que permitiu a abertura de um novo campo de atuação para profissionais ligados à inovação e ao *design*.

É preciso um trabalho constante de nivelção, sobre temas relacionados à cultura e à identidade, direcionado aos profissionais que atuam junto aos artesãos. Isso permitirá maior segurança às intervenções previstas que, feitas sem critérios, podem gerar descaracterizações invalidadoras de resultados. Há exemplos de boa intervenção, de novas tecnologias para a substituição responsável de materiais, como a utilização de madeiras recicladas ou de origem certificada. Cabe às instituições levarem aos artesãos inovações que valorizem o profissional, as peças comercializadas e preservem o meio ambiente.

Sofisticada e antiga tradição

Quando se pensa em renda irlandesa, pensa-se em Divina Pastora, Sergipe

DIVINA PASTORA, TAMBÉM CONHECIDA COMO TERRA DA FÉ, é o destino de milhares de romeiros, fiéis e pagadores de promessas de todo o país. A pequena cidade fica no alto de uma colina, entre ruínas de casas de engenho, na antiga zona açucareira de Sergipe, a poucos quilômetros de Aracaju. Atrai também visitantes por ser o principal polo de produção de renda irlandesa no Brasil.

Essa sofisticada tradição de raízes europeias envolve mais de uma centena de mulheres, em uma produção artesanal que encanta por sua originalidade, brilho e delicadeza. Passada de geração em geração, a técnica, exigente de destreza e vagar, está incorporada à formação, rotina e vida das mulheres de Divina Pastora. Ainda meninas, aprendem essa prática de renda de agulha em lacê (cordão achatado e acetinado que delinea o bordado), uma importante fonte de trabalho e sustento para as famílias.

Em 2008, o modo local de fazer a renda irlandesa foi incluído no Livro de Registro dos Saberes Nacionais e reconhecido como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Iphan. Outro importante reconhecimento é o recente certificado de procedência e qualidade dos produtos, o Selo de Indicação Geográfica, que autentica as peças, conferindo-lhes mais valor e credibilidade no mercado.





A renda irlandesa de Divina Pastora (SE) foi incluída no Livro de Registro dos Saberes Nacionais

Tais conquistas derivam diretamente da gestão da Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora (Asderen), que conta com o Sebrae para estimular, entre suas integrantes, a inovação e a expansão das oportunidades de negócios.

As artesãs vêm recebendo várias consultorias para que se integrem melhor e compreendam que as peças que produzem são valorizadas, inclusive, internacionalmente. Receberam, inclusive, aulas sobre a tradição da renda irlandesa e sobre a disseminação da técnica do desenho, pois apenas uma delas sabia fazer os riscos. Em termos de inovação, foi ainda acrescentado tecido à renda, uma alternativa pensada para baratear

os produtos e dar mais giro ao caixa da associação, que também ganhou identidade visual.

Adriana Santos Lima, presidente da Asderen, conta que aprendeu a renda irlandesa com a mãe que, por sua vez, foi ensinada pela avó, e assim sucessivamente, recuando-se no tempo desde meados do século 19. Hoje, a filha de dez anos já aprende com ela.

De feição coletiva, a atividade das rendeiras é compartilhada e agregadora. Nas praças, nas portas e nas soleiras das casas, elas são as nobres e reais portadoras da identidade local, do saber secular, do orgulho que ultrapassa a cidade e já alcança o estado e o país.

**AS RENDEIRAS
VÊM OBTENDO,
POR MEIO DE
INOVAÇÕES,
REDUÇÃO NOS
CUSTOS E MAIOR
FATURAMENTO**

Organização contínua da cadeia produtiva

“O prêmio tem funcionado como selo, atestado de qualidade e de origem, de reconhecimento do talento individual e coletivo”

Durcelice Mascêne, coordenadora nacional da Carteira de Projetos de Artesanato do Sebrae



Foto: Luciano Freire

Metodologia do prêmio é aperfeiçoada a cada edição

O PRÊMIO SEBRAE TOP 100 DE ARTESANATO traduz a atual estratégia da Instituição em prol do reconhecimento e da valorização do trabalho realizado por artesãos de todo o país. A cada edição, o prêmio busca identificar, nas unidades produtivas participantes, as melhores práticas no que tange à capacidade de gestão de processos, da produção à comercialização.

Tais práticas são observadas e selecionadas por meio de critérios de gestão empresarial e mercadológica. Entre elas, política de inovação, qualidade dos produtos, planejamento e gestão, organização da produção e práticas comerciais.

Podemos afirmar que a grande contribuição do prêmio, desde sua primeira edição, em 2006, tem sido a constante organização produtiva do segmento. Com isso, criou-se um inédito mecanismo de segmentação do mercado, que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta de diagnóstico e prescrição

de requisitos positivos para empresas artesanais. Essa organização revelou-se fundamental, tendo em vista a demanda crescente vinda de grandes lojas de departamentos, arquitetos, decoradores e estilistas.

O prêmio pode ser visto, hoje, como um modelo de parametrização das melhores práticas que transformam em referência as cem unidades mais competitivas do país. Os participantes passam por um processo de melhoria contínua, o que lhes garante maior inserção no mercado.

A ferramenta de inscrição – *website* – gera diagnósticos que permitem a identificação das reais necessidades do público-alvo, dando maior eficácia às ações previstas.

Isso vem sendo comprovado pelo fortalecimento dos pequenos negócios, identificação e abertura de nichos de mercado, melhor atendimento da demanda, maior faturamento e melhor qualidade de vida dos artesãos e respectivas famílias.

O prêmio tem funcionado como selo, atestado de qualidade e de origem, de reconhecimento de talentos individuais e coletivos. Entre outros bons resultados, destacam-se a visibilidade nacional, e até mesmo internacional, alcançada por muitos dos participantes; o reforço da identidade cultural local e regional e a manutenção de técnicas ancestrais de trabalho, aliadas à inovação no *design* e à racionalidade



Foto: Felipe Barrera/Agência Sebrae

na aplicação de insumos. Também possibilitou o reconhecimento do trabalho do Sebrae.

A premiação abriu aos artesãos janelas de oportunidades ao dar-lhes visão de negócio, como também funcionalidade e mais beleza às peças, critérios de comercialização e precificação.

Todos esses ganhos foram possíveis por meio de consultorias, rodadas de negócios, divulgação em feiras e parcerias com empresas ligadas à decoração e à moda.

Para os artesãos, as unidades premiadas passam a ser vistas como exemplo. Para comerciantes e consumidores, são referências de garantia da qualidade dos produtos, uma oferta qualificada e representativa do melhor do artesanato brasileiro.

Para as instituições que trabalham com o artesanato, o prêmio oferece informações relevantes sobre um universo importante da produção artesanal brasileira, que subsidiam políticas públicas para o segmento.



Foto: Arquivo Pessoal

Flor de Xaraés

O artesanato deu realidade à lenda

O PRÊMIO SEBRAE TOP 100 DE ARTESANATO foi um divisor de águas na vida de Cláudia Castelão, vencedora em duas das edições. Paulista de nascença e pantaneira de coração, ela sempre quis expressar esse amor. Casada e com três filhos já adultos, a psicopedagoga trocou, há 12 anos, as salas de aula pelo ateliê.

A ideia germinou ao ouvir a lenda do Pantanal sobre um peão apaixonado que entregou à sua amada uma rosa de madeira que seria eterna.

O que era apenas referência às flores perenes típicas do pantanal sul-mato-grossense, também conhecido como Mar de Xaraés, passou a existir de fato, graças à criatividade e dedicação de Cláudia.

Logo que saiu a primeira leva das flores de madeira, Cláudia procurou o Sebrae para avaliar o seu trabalho. Foi, então, estabelecida uma parceria que permanece. A artesã já participou de diversas capacitações que a fazem refletir sobre o negócio.

A premiação deu-lhe motivação para continuar e ampliar o empreendimento, idealizado com tanto cuidado, pois conseguiu ver, de início, todo o potencial de seu produto.

Crítérios ambientais sempre estiveram no foco do trabalho de Cláudia Castelão

A artesã considera o prêmio de grande importância para a profissionalização da gestão. Desde que foi vencedora, pela primeira vez, em 2011, vem imprimindo aperfeiçoamentos constantes nos seus processos de produção e de comercialização, impulsionados pelos critérios de avaliação.

Inovação e normas de sustentabilidade ambiental sempre estiveram no foco do trabalho de Cláudia. Foi preciso, por exemplo, inventar uma máquina que viabilizasse o corte da madeira de origem reciclada.

Também foi construído um conectivo que permite a montagem e desmontagem da flor. A haste inicialmente era fixa. O conectivo permitiu a redução do tamanho da embalagem e, conseqüentemente, o custo do frete quando as flores são enviadas a outros estados.

Cláudia acredita que desafios são bons. Impedem acomodações em zonas de conforto e permitem atender com maior agilidade as crescentes demandas do mercado. O ateliê, onde são produzidas as peças, conta com um belo mostruário.

Além da loja física, na Feira Central de Campo Grande, outros lojistas revendem as peças idealizadas por Cláudia. A loja virtual, apesar de ainda não registrar vendas expressivas, funciona muito bem como divulgação e vitrine. A artesã conta com cinco funcionários diretos. Mas, como há muitos parceiros, em diversas fases do processo produtivo, a equipe responsável pelo trabalho é bem maior.

O prêmio abriu caminho para que a Flor de Xaraés participasse da Expo Milão 2015, que teve como tema *Alimentando o Planeta, energia para a vida*. A exposição contou com representantes de mais de 140 países que mostraram o melhor de sua tecnologia e cultura em questões relacionadas ao tema. Para os artesãos, a feira propiciou o fechamento de negócios e a internacionalização de seus produtos.

As flores pantaneiras viajaram também para Colômbia, Inglaterra e Estados Unidos. Cláudia está feliz com o retorno que vem obtendo. Faz o que gosta, e a satisfação do cliente lhe dá certeza do objetivo cumprido e da correção do caminho trilhado.



Perspectivas para o artesanato brasileiro

“Os projetos desdobram-se por meio de ações de consultoria e capacitação que visam melhorar tanto a gestão do negócio quanto o produto artesanal”

Denise Trevellin Forini,
coordenadora nacional da
Carteira de Projetos de
Artesanato do Sebrae



Foto: Luciano Freire

Visão de negócio e integração à cadeia produtiva

REPOSICIONAR O ARTESANATO BRASILEIRO perante o mercado. Este foi o objetivo do projeto *Brasil Original*, criado em 2011. Durante muito tempo, a atividade artesanal no Brasil foi vista como pouco competitiva em termos mercadológicos, relegada a uma atividade de mera subsistência.

A estratégia adotada pelo Sebrae para o artesanato possui um viés diverso daquele que permeia o senso comum. enxergamos o artesanato como negócio, com produtos que despertam desejos de consumo e que podem ser inseridos na cadeia de valor dos decorativos e utilitários de qualidade.

O *Brasil Original*, de abrangência nacional, é composto por diversas etapas para o alcance de seus objetivos. Desdobra-se por meio de ações de consultoria e capacitação que visam melhorar tanto a gestão do negócio quanto o produto artesanal com foco constante na produção e no mercado,

principais pilares para a sustentabilidade dos pequenos negócios.

Um dos diferenciais da atuação do Sebrae no segmento é o trabalho realizado entre artesãos e *designers*, com foco nas tendências de mercado.

O lançamento de novos produtos e de novas coleções é importante por renovar e atrair novos mercados, permitindo que os consumidores sejam surpreendidos com peças diferenciadas.

No desenvolvimento de novos produtos, são realizados estudos da iconografia de cada estado que, incorporada ao artesanato local, engrandece o patrimônio simbólico e a identidade cultural das peças, aumentando-lhes significativamente seu valor imaterial.

Após as ações para melhoria da gestão e dos produtos, têm início as de promoção comercial. Entre elas, a loja-conceito *Brasil Original*.

São lojas temporárias, *pop-up*, localizadas em *shoppings centers* de grande circulação, situados em médias e grandes cidades. Primam por ambientações sofisticadas e atraentes que as diferenciam dos eventos tradicionais para a comercialização de artesanato.

Desde 2013, o Sebrae instalou mais de vinte lojas dentro do conceito do



As lojas-conceito *Brasil Original* aproximam artesãos e consumidores

Brasil Original. A ideia é a realização de mais dez lojas nos próximos três anos.

Essas lojas *pop-up* promovem uma melhoria da percepção do produto artesanal, por parte dos consumidores que apreciam peças diferenciadas, com identidade histórica-cultural e alto valor agregado.

Nossa aposta é elevar o artesanato a um patamar jamais atingido, o que perpassa a valorização do rico simbolismo expresso também em peças únicas.

Foco na produção e na identidade local

Ações transformaram cadeia produtiva do artesanato

A LOJA-CONCEITO BRASIL ORIGINAL já é referência de transformação da cadeia produtiva do artesanato no Distrito Federal. O projeto qualificou a produção artesanal local, ampliou horizontes comerciais e segue dando frutos para empreendedores e consumidores.

Maria Auxiliadora França, secretária-geral do Sebrae no DF, conta que o atendimento aos artesãos, trabalhadores manuais e mestres de ofício, vinha ocorrendo desde 1994, em formato que privilegiava o trabalho e a produção.

Com o passar do tempo, foi redirecionado ao crescimento do artesanato formalizado como microempreendedor individual (MEI) com potencial para desenvolver produtos de alto valor agregado, que embutisse o conceito de modernidade ligado à identidade da capital brasileira. Também passou a ser focado o uso de matéria-prima de melhor qualidade e a promoção comercial para um público mais exigente.

A evolução do modelo de atuação, explica Auxiliadora, fundamentou-se no Termo de Referência do Artesanato no DF, que ressalta, entre outros temas, a importância da conceituação iconográfica. A partir dessa premissa, consultorias e curadorias tiveram papel primordial na concepção de um novo olhar sobre a construção das peças, agregando-lhes maior valor e atratividade, transformando-as em item essencial da experiência turística.

Foram realizados diagnósticos minuciosos das peças, oferecidas capacitações, promovidas consultorias, curadorias e estudos de acesso a mercado até se chegar às edições do projeto *Brasil Original* de 2013, 2014 e 2015. Houve, no período, segundo Auxiliadora, emocionante evolução,

Fotos: Divulgação Sebrae DF



MARIA AUXILIADORA FRANÇA, SECRETÁRIA-GERAL DO SEBRAE NO DF, FOI, POR QUATRO ANOS, COORDENADORA DO SETOR DE ARTESANATO



As lojas-conceito Brasil Original oferecem ambientações sofisticadas para exposição e venda de produtos artesanais

no formato da mostra e no impacto da iniciativa para os participantes.

Desde a mais tímida, montada, em 2013, com apenas 80 metros quadrados, durante a Copa das Confederações, a loja-conceito Brasil Original passou a ser, já nos dois anos seguintes, um dos grandes eventos da agenda brasiliense, ocupando, por meses, os 300 metros quadrados da praça do *ParkShopping*, importante centro comercial.

Foram expostos e comercializados acessórios, bonecas, brinquedos, joias, bijuterias, papelaria artesanal e artigos de decoração. Tudo feito nos mais diversos materiais (madeira, fios, flores e sementes do cerrado, fibras, tecidos, papel, cerâmica e vidro).

A mostra também ofereceu o *Fazer Artesanal*, um espaço em que mestres compartilhavam experiências e técnicas com o público. Para Auxiliadora, o *Brasil Original* deixou evidente, para moradores e turistas, que o Distrito Federal dispõe de produtos artesanais com identidade bastante própria, provenientes de uma cadeia produtiva local sólida, competitiva e promissora.

Contemporâneo e tradicional

O projeto pretende operar mudanças conceituais, metodológicas, técnicas, comerciais e mercadológicas

“O direcionamento criativo e o de produção do projeto é guiado por processos fundamentados em conhecimento especializado e científico”

Renata Piazzalunga, IPTI



Fotos: Arquivo IPTI

O PROJETO TECNOLOGIA, DESIGN E INOVAÇÃO no Artesanato aplica conhecimento científico e tecnológico para a construção de um modelo inovador destinado ao segmento. Baseia-se em uma integração coordenada e sustentável entre *design* contemporâneo e processos artesanais.

Tem por objetivos a profissionalização do trabalho artesanal, o aumento e a manutenção da renda dos artesãos, além do desenvolvimento de novos produtos, garantindo-se, assim, ciclos de inovação e de maior competitividade.

Em 2013, o Instituto de Pesquisa em Tecnologia e Inovação, (IPTI), com o apoio do Sebrae, começou a desenvolver uma metodologia de inovação para o artesanato. Cinco organizações coletivas já constituídas (com aproximadamente 120 artesãos) foram selecionadas para essa experiência-piloto com três anos de duração.

Em Sergipe, estão sendo atendidas a Associação dos Artesãos do Município de Poço Redondo, a Associação da Cultura Artesanal de Poço Verde e a Cooperativa das Bordadeiras de Sítios Novos *Um Sonho a Mais*. Em Alagoas, a Cooperativa Art-Ilha (Ilha do Ferro) e a Associação de Bordados de Entremontes. Destaca-se, entre as inovações relevantes desse



modelo, a constituição de um núcleo permanente de *designers* de campo, o que possibilita uma imersão aprofundada nas técnicas, na cultura e nas limitações relacionadas a qualquer dimensão que possa impactar positivamente a qualidade dos produtos e, principalmente, o entendimento e a avaliação das questões que envolvem todo o segmento.

A identificação dos elementos culturais próprios das comunidades atendidas foi definidora de todo o processo de planejamento e execução das iniciativas. Para isso, foi feito o inventário do patrimônio material e imaterial disponível.

O projeto pretende operar mudanças conceituais, metodológicas, técnicas, comerciais e mercadológicas. O objetivo é a profissionalização do trabalho artesanal, que poderá ser reconhecida pelo aumento do nível de qualificação e de elaboração, pela agregação de valor a produtos identificados com a cultura local.

O direcionamento criativo e o de produção do projeto é guiado por um processo fundamentado em conhecimento especializado e científico. A

interação com os núcleos produtivos se dá por meio do planejamento estruturado de quatro coleções, em que são definidas estratégias específicas que visam construir uma base de conhecimento cada vez mais consistente que mitigue os problemas enfrentados pelos artesãos.

As coleções possibilitam avanços em relação a temas como fornecedores, mercado interno e externo, atuação entre artesão e *designers*, modelos de negócio, técnicas e tecnologias, além de construções de parcerias.

O projeto baseia-se na crença de que uma produção artesanal viva depende de ações derivadas de um olhar alinhado e atento para o mundo contemporâneo, capazes de criar condições de acesso contínuo à inovação e de inserção efetiva no mercado.

Interação entre designers e artesãos permite maior beleza às coleções e acesso a novos mercados

Novas aplicações reavivam artes ancestrais

Em Sergipe e Alagoas, toque de atualidade à produção abre novos mercados



Fotos: Acervo IPTI

A ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS do Município de Poço Redondo, Sergipe, está entre as organizações coletivas atendidas pela metodologia de inovação para o artesanato, desenvolvida pelo IPTI com o apoio do Sebrae. A localidade é famosa pelas rendas de bilro.

As encomendas, estimuladas pelo desenvolvimento de novas aplicações para as rendas, permitem que essa arte tão tradicional continue bem viva. Outras técnicas foram adotadas recentemente, como o redendê (bordado em ponto cheio e aberto), ali chamado de ponto novo para se diferenciar da renda de bilro, mais antiga.

Outra entidade atendida é a Cooperativa das Bordadeiras de Sítios Novos *Um Sonho a Mais*, no distrito rural de Sítios Novos, perto de Poço Redondo. O bordado local distingue-se pela delicadeza das linhas finas e coloridas, de matizes variados, em jogos americanos, centros de mesa, toalhas, guardanapos e panos de bandeja.

Ainda em Sergipe, no município de Poço Verde, cerca de 200 pessoas têm na tecelagem uma importante fonte de renda. O distrito de Amargosa concentra a maior parte desses artesãos. São redes, tapetes, colchas e almofadas em rústicos teares de pedais. A incorporação do design tem dado maior beleza e colorido às peças.

Em Entremontes, município de Piranhas, Alagoas, às margens do São Francisco, as mulheres dedicam-se ao redendê e ao ponto-cruz, chamado de ponto de marca, aprendidos com suas mães e avós. São produtos bastante atuais e de bom gosto: toalhas de bandejas, jogos americanos, toalhas de mesa, guardanapos e cortinas.

Na Ilha do Ferro, um povoado alagoano do município de Pão de Açúcar, também às margens do São Francisco, vivem cerca de 200 famílias, que se sustentam da pesca, da agricultura de subsistência e do artesanato. Uma variação da técnica do redendê, herança portuguesa, sobrevive nas comunidades ribeirinhas.

A flor chamada boa noite serviu de inspiração a bordados sobre o linho desfiado. A Cooperativa Art-Ilha é integrada por 40 bordadeiras de todas as idades. O forte é a produção e a comercialização de artigos para cama, mesa e banho.



Design agrega valor e inovação ao bordado



Qualidade e identidade

Novas formas, cores, produtos e matérias-primas

“Os artesãos pernambucanos, não só conquistaram novos mercados, mas também passaram a ter uma gestão modelo, comprovada por premiações nacionais e internacionais”

**Graça Bezerra,
Sebrae em Pernambuco**



Foto: Divulgação Sebrae PE

POR MUITAS DÉCADAS, quando se falava de artesanato pernambucano, pensava-se, logo, no grande mestre artesão Vitalino, da comunidade do Alto do Moura. Foi na Feira de Caruaru, conhecida internacionalmente e cantada por Luís Gonzaga, que, ainda anônimo, vendia suas peças. Vitalino retratou o cotidiano e o modo de vida das pessoas simples, deixando um legado que vem mantendo viva a identidade cultural de todo o Nordeste.

Com o passar dos anos, o artesanato do Estado ganhou ainda mais notoriedade, levando-se em conta muitos aspectos. Entre eles, os de variedade, qualidade e utilidade. Ganhou reconhecimento em projetos de decoração de interiores, merecendo destaque em ambientes simples ou sofisticados.

Nosso maior conhecimento e a valorização do artesanato permitiram, ao longo do tempo, a formulação de estratégias de fortalecimento, via acesso à inovação e a novos mercados, dos pequenos negócios deste segmento produtivo, sejam individuais, familiares ou coletivos.

A arquiteta pernambucana, Janete Costa, que dedicou grande parte da sua vida à valorização da arte popular, influenciou várias gerações de arquitetos, *designers*, decoradores e ambientadores. Janete tornou-se uma das grandes responsáveis pela visibilidade da cultura artesanal brasileira.



A incorporação do design ao artesanato valoriza apresentação da gastronomia local

Novos produtos foram lançados e pode-se observar que a inovação e o design foram cuidadosamente trabalhados para que as peças guardassem a necessária identidade.

Coleções apropriaram-se da iconografia (linguagem visual que representa temas específicos) local permitindo que a comunidade produtiva se beneficiasse dessa sensação de pertencimento. Isso impactou, inclusive, a tomada de decisão do consumidor. Também ele passou a ter maior certeza do valor material e imaterial da peça que leva para casa.

Ganha consistência um mercado ávido pelo artesanato contemporâneo e, ao mesmo tempo, mais exigente quanto à qualidade e à inovação.

Novas formas e cores, produtos e matérias-primas foram testadas e utilizadas nas coleções, sem qualquer dano ao meio ambiente.

O Sebrae em Pernambuco já acumula muitos casos de sucesso junto às unidades produtivas de artesanato. São exemplos, a Associação da Tapeçaria Timbi, no município de Camaragibe; os Ceramistas do Cabo de



Fotos: Felipe Soares/Sebrae PE

Santo Agostinho e a Associação Cana Brava de Pontas de Pedra, no município de Goiana.

Esses artesãos conquistaram novos mercados e também passaram a ter uma gestão modelo, comprovada por importantes premiações nacionais e internacionais.

Em 2005, a Associação dos Produtores de Objetos de Arte e Artesanato de Pernambuco (Exportarte), integrada por 15 empresas, passou a exportar para Alemanha, Dinamarca e Estados Unidos. Deve ser destacada a participação de 50 mestres pernambucanos na Feira Nacional de

Negócios do Artesanato (Fenearte), a maior do gênero do Brasil e da América Latina, que acontece todos os anos, em julho, no Centro de Convenções da cidade de Olinda.

Registre-se ainda que, desde 2013, Recife abriga o Centro de Artesanato de Pernambuco (Cape), instalado no Armazém 11, ao lado do Marco Zero da cidade.

Trata-se de grande patrimônio cultural, um legítimo acervo do artesanato pernambucano. Está situado em uma das áreas mais charmosas da cidade, que chamamos carinhosamente de Recife Antigo.



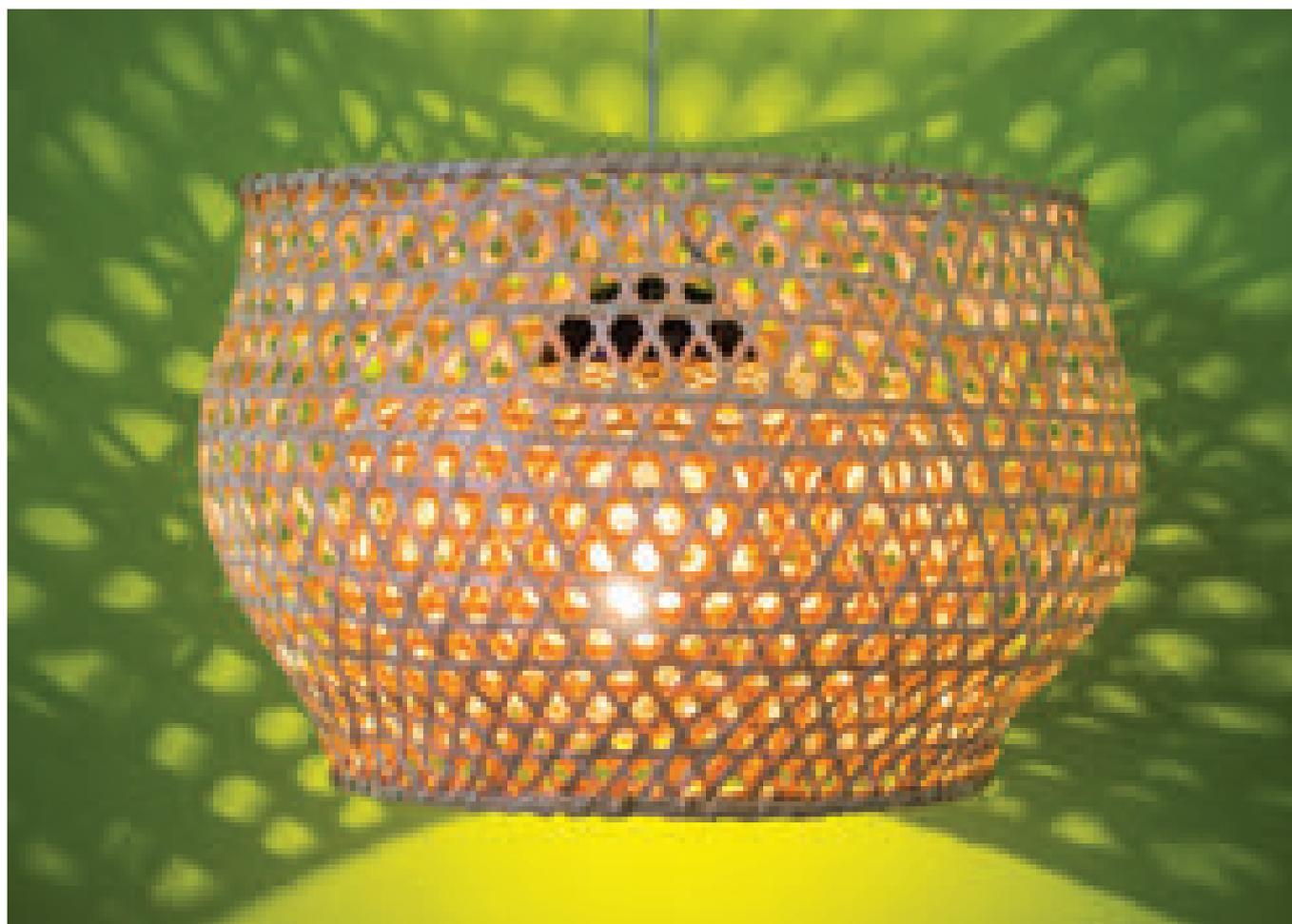
Ceramistas do Cabo de Santo Agostinho apostam na maior variedade de produtos

Rodadas de negócios geram novos desafios

Encontros de artesãos e fornecedores funcionam como pesquisa de mercado

DOIS DOS MUITOS BONS EXEMPLOS da atuação do Sebrae em Pernambuco, na área de artesanato, são os resultados obtidos, nos últimos anos, pela Associação dos Ceramistas e Artesãos do Cabo de Santo Agostinho e pelo grupo *Cestaria Cana Brava*, que faz parte da Associação dos Amigos de Ponta de Pedras de Goiana. Ambos ganhadores do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato foram beneficiados por ações no âmbito do projeto *Imaginário Pernambucano*, parceria com a Universidade Federal de Pernambuco.

Os ceramistas do Cabo de Santo Agostinho, município à beira-mar que pertence à região metropolitana de Recife, estão dando espaço ao novo sem perder as características que os identificam. Desde 2003, o grupo de oleiros oriundos do Espaço Mauriti, tradicional centro de



O design deu sofisticação ao trançado do Grupo Canabrava



produção de cerâmica utilitária, aceitou a intervenção do projeto e já colhe bons frutos.

Os artesãos, que vinham sobrevivendo basicamente da venda de filtros de barro, fizeram diferentes cursos. Entre eles, o de *design* e o de formação de preços. Com as novas informações,

aumentaram a margem de lucro e desenvolveram novos produtos. Têm, atualmente, em catálogo, dezenas de peças utilitárias e de decoração, comercializadas em vários estados.

Com fios de cana brava, mulheres de Goiana, distante 60 quilômetros de Recife, tecem cestos, bolsas, jogos americanos e bijuterias.

As artesãs tiveram acesso a cursos variados para gerir o seu próprio negócio e com a ajuda de *designers*, o trançado que faziam ganhou ainda mais originalidade e sofisticação.

Abrigadas pela Associação dos Amigos de Ponta de Pedras, as artesãs

comercializam seus produtos também em lojas de Recife. As rodadas de negócios, das quais participam, têm-lhes garantido melhor atendimento da demanda.

Esses encontros com potenciais clientes funcionam como pesquisas de mercado, que não poderiam fazer por conta própria.

Para agregar valor à produção, o grupo passou a investir na criação de estampas exclusivas para forração de algumas das peças. As mulheres também estão animadas com o aprendizado da técnica de bijuterias em papel com a artista plástica Suzana Azevedo.

Novas técnicas de produção e qualidade de vida

“A consolidação da cadeia produtiva do artesanato permitiu aos artesãos melhor relacionamento entre fornecedores e clientes com a consequente expansão do mercado”

**Rosa de Viterbo,
Sebrae no Piauí**

Aposta no *design* e na sustentabilidade ambiental

TERESINA COMEÇOU NA VILA DO POTI. Antes mesmo de se tornar capital, viviam ali, às margens do rio, pescadores, oleiros e ceramistas. O Poti desagua no Parnaíba. Lentamente, os rios entrelaçam-se e ganham ainda mais força, no mesmo curso, em direção ao mar.

Nós, do Sebrae no Piauí, acreditamos firmemente que o desenvolvimento do nosso estado passa pelo apoio ao segmento dos pequenos negócios. Ousamos, assim, acreditar no potencial criativo e socioeconômico do artesanato, seguindo o exemplo dos rios que se entrelaçam em busca de um destino comum e promissor.

No início de 1998, o Sebrae foi demandado por ceramistas de Poti Velho que queriam diversificar a produção, atender melhor a demanda que sinalizava crescimento, ganhar mercados e aumentar o faturamento. O local, de grande beleza natural, recebia muitos visitantes. Uma janela de oportunidades abria-se aos artesãos que não queriam continuar vivendo de cerâmicas pouco atrativas: apenas filtros, potes e jarros comuns.



Fotos: Cândido Neto

Levamos, então, informações às comunidades de ceramistas e oleiros que foram incentivados a atuar de forma coletiva. Em 25 de abril de 1998, foi criada a Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho (Arcepoti). A partir daí, trabalhamos o planejamento estratégico, priorizando ações que visassem a melhor qualidade da matéria-prima, por meio de tecnologias apropriadas.

Surgiu, então, a primeira parceria com o Senai, concretizada no Centro Tecnológico Cerâmico, que contou com apoio da prefeitura de Teresina e do governo estadual. O centro permitiu a ampliação do conhecimento dos ceramistas sobre preparação da massa, modelagem, secagem, queima e estocagem das peças.

A disseminação dessas técnicas já sinalizou o surgimento do polo cerâmico e a consequente melhoria das condições de trabalho e de vida dos ceramistas. Foi visível a transformação dos barracões que abrigavam unidades de produção, residências, além de pontos de venda. Hoje, os artesãos têm condições de moradias em outros bairros e meio de transporte até o local do trabalho.

Mais tarde, também surgiu a Cooperativa de Artesãs do Poti Velho (Coperart), detentora de vários prêmios, inclusive das três edições do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato. Um grupo de 30 mulheres, cansadas de executarem apenas o acabamento de peças, capacitaram-se e criaram coleções de bijoias com excelente aceitação. Já a coleção Mulheres do Poti, versão 2007 (a mulher de pescador, a religiosa, a oleira, a ceramista, e a das continhas), retrata a realidade local feminina cotidiana.

Desde 2003, a Arcepoti e a Cooperart Poti participam das diversas edições da Casa Piauí Design, o que permitiu aos profissionais envolvidos a consolidação de relacionamentos, no âmbito da cadeia produtiva, e expansão do mercado. Os ceramistas também trabalham na sustentabilidade e na diversificação visual de suas peças, orientados por vários designers. Diante dos resultados alcançados, a Fundação Banco do Brasil reinvestiu, em 2008, na Cooperart Poti Velho, concedendo ao polo cerâmico uma estação digital, que contou com apoio da Prefeitura de Teresina. Tantos aprimoramentos técnicos e de gestão, além da aposta no associativismo e nas iniciativas femininas, tornaram o polo um dos melhores pontos turísticos de Teresina.

A religiosa, uma das integrantes da coleção Mulheres do Poti





Foto: Candido Neto

A força que vem do barro

A valorização do trabalho dos artesãos, especialmente o das mulheres, garante evidente melhoria da qualidade de vida das famílias

PARA OS ANTIGOS CERAMISTAS do bairro de Poti, em Teresina (PI), os momentos mais importantes da vida coincidem com os de superação de cada etapa do processo de aprendizagem do ofício. São lembranças que marcaram as lições aprendidas, hoje ministradas com cuidado especial aos mais novos na arte.

O bairro fica na parte norte da cidade, na confluência dos rios Poti e Parnaíba. Nessa área, há diversas lagoas com presença de jazidas de argila, resultado dos sedimentos depositados durante as cheias dos rios.



“Trabalhamos para o fortalecimento de canais de comercialização dos nossos produtos sem nos esquecer de investimentos em inovação e capacitação.”

Raimunda Teixeira,
presidente da Cooperart Poti Velho

Em 1998, o Sebrae passou a oferecer oficinas de capacitação solicitadas pela comunidade. As ações tinham como visão de futuro melhores condições de vida e o desenvolvimento local.

Raimunda Teixeira, hoje presidente da associação, mora desde criança no bairro e, há mais de 20 anos, é ceramista. Começou fazendo potes que vendia aos vizinhos. Trabalhava de forma independente e suas peças, como as da maioria dos artesãos, não tinham bom acabamento, nem variedade.

A partir desse processo de capacitação, surgiu a Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho (Arcepoti), com 20 associados. A melhor qualidade e diversificação da produção, como também a divulgação, permitiram que o trabalho dos ceramistas ultrapassasse as fronteiras de Teresina e do Piauí para chegar a vários estados.

O associativismo garantiu-lhes espaço comum de produção e comercialização. Antes, os artesãos trabalhavam nas próprias casas. O polo conta, atualmente, com 29 lojas. São 50 lojas, contando-se os não associados, na

mesma rua. Ao todo, 284 famílias têm o artesanato como atividade principal.

Antes, as mulheres apenas carregavam os tijolos feitos pelos homens ou faziam o acabamento de peças. Em 2004, 28 delas fizeram um curso de bijuterias em cerâmica.

Diante de novas possibilidades de renda, em separado dos homens da família, criaram, em 2006, a Cooperart Poti Velho. Depois das bijuterias, retrataram-se na Coleção Mulheres do Poti. Considerada o cartão de visitas da cooperativa, a coleção abriu-lhes a porta do reconhecimento e da participação em eventos importantes.

A valorização do trabalho dos artesãos do Poti Velho resultou em evidente aumento da qualidade de vida das famílias e também em contínua mobilização por melhorias no próprio bairro, que já se consolida como atração turística da capital piauiense.

Artesãos deixaram de sobreviver apenas de filtros de barro







Foto: Daniel Ferreira

CERÂMICA

Espírito Santo | Minas Gerais

Panelleiras de Goiabeiras

De caráter familiar, o ofício das ceramistas de Vitória é aprendido e repassado de geração a geração

Saber repassado de mãe para filha | 68

Identificação geográfica | 70

Identidade Cultural | 72

Bonecas do Jequitinhonha

Mulheres de Coqueiro do Campo viram no artesanato oportunidades para o aumento da renda familiar

Do barro, surgem bonecas plenas de atitude e graça | 78



Saber repassado de mãe para filha

Estudos arqueológicos comprovam que a técnica remonta aos indígenas pré-cabralinos

“Ser paneleira me sossega o corpo e o espírito”

Marinete Loureiro,
Presidente da Associação
das Paneliras de Goiabeiras

A ASSOCIAÇÃO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS foi constituída em 1987. Resultou da necessidade de organização comercial e trabalhista de uma prática que vem sendo repassada, de mãe para filha, há mais de 500 anos. As irmãs Marinete Loureiro e Berenícia Corrêa, respectivamente presidente e vice da associação, testemunham o caráter familiar do ofício. Aprendizado herdado desde que se entendem por gente, e que vem de gerações longínquas. É atual meio de vida de mais de 120 famílias.

Estudos arqueológicos comprovam que a técnica remonta aos indígenas pré-cabralinos, que já se valiam da modelagem manual e da queima das peças a céu aberto. Ao aprenderem e manterem essa tradição de feição utilitária, as paneleiras tornaram-se a expressão máxima da cerâmica primitiva e a consequente e necessária valorização de um saber milenar.

Paneleira com orgulho

“Meu pai morreu tirando barro. Teve um infarto e avisou que sequer conseguiria retornar à nossa casa”, conta Marinete, mãe de três mulheres, das quais uma é orgulhosamente paneleira. Há 44 anos no ofício, relata que chegou a acordar às cinco da manhã para escolher e colher a argila.

Berenícia Corrêa aprendeu bem criança a lidar com o barro, matéria da qual fazia, inclusive, os seus próprios brinquedos. “Hoje nos profissionalizamos, mas felizmente sem abrir mão do que aprendemos com nossos antepassados”, afirma. Atualmente, mais de mil panelas são produzidas e vendidas por mês para turistas e moradores de Vitória (ES).

Originalmente confeccionadas no quintal das casas de Goiabeiras, atualmente há um espaço demarcado e mais adequado para o processo de produção de panelas – o próprio galpão que sedia a associação.



“Nos profissionalizamos, mas sem abrir mão do que aprendemos com nossos antepassados”

Berenícia Corrêa, Vice-presidente da Associação das Paneleiras de Goiabeiras

Identificação geográfica

“A GARANTIA DE PROCEDÊNCIA É FERRAMENTA ESSENCIAL à proteção e à promoção comercial”, explica Izolina Passos Siqueira, gestora do Sebrae no Espírito Santo. As panelas foram os primeiros produtos do Estado a receber o selo de Indicação Geográfica (IG) e os segundos, no país, na área do artesanato. O órgão responsável pela concessão é o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). O processo de obtenção do selo transcorreu de 2008 a 2011 e incluiu capacitações em gestão, formação de preço e princípios cooperativistas.

“Além de reforçarmos, junto às próprias mulheres, a importância de o valor cultural e histórico ser agregado ao preço das panelas, trabalhamos ainda noções de sustentabilidade, desde a retirada do barro à fabricação, para não agredir o meio ambiente”, complementa Izolina. O IG deu a devida notoriedade aos produtos, atestando local de produção, tipicidade e autenticidade na elaboração, além da disciplina que resulta na esperada qualidade.

“São cinco os produtos das artesãs de Goiabeiras com selo de Identificação Geográfica: assadeira, panela de caldos, panela de pirão e arroz, caldeirão e frigideira. Apesar de terem de seguir rigorosamente um padrão quanto ao peso e ao tamanho, a impressão digital de cada artesã fica impressa em suas panelas. Elas mesmas sabem reconhecer, em meio a tantas outras, as peças que modelaram”

**Izolina Passos Siqueira,
Sebrae no Espírito Santo**



Fotos: Daniel Ferreira





Identidade cultural

AS PANEIAS DE BARRO são o maior símbolo da identidade cultural capixaba – seja como autêntico objeto de arte popular, seja como suporte da moqueca, típico prato da culinária do estado.

A técnica primitiva, cuidadosamente mantida ao longo de séculos, foi reconhecida pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) como o primeiro patrimônio imaterial brasileiro, inscrito no Livro de Registros dos Saberes, em 20 de dezembro de 2002.

Fotos: Daniel Ferreira



A matéria-prima é uma argila especial, somente encontrada no Vale do Mulembá, no bairro Joana D'Arc, zona oeste de Vitória. Lá é retirada e transportada para Goiabeiras. Abelardo Neto Silva, trabalha, de segunda a sábado, na ancestral técnica de pisar o barro.



Feitas as bolas, a massa argilosa está pronta para a modelagem das peças – sempre à mão e com o auxílio de uma casca de coco.



As panelas, devidamente modeladas, descansam à sombra até o barro atingir a desidratação total, momento em que recebem polimento com seixos de rio.



Depois de secas e polidas, são cobertas por lenha e queimadas ao ar livre.



A tintura de tanino, extraída da casca de uma árvore do mangue, assegura a cor escura e brilhante. Os artesãos responsáveis por essa pigmentação foram instruídos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para uma retirada cuidadosa e responsável da casca.

CERÂMICA



Herança ancestral

CAPIXABA OU BAIANA, a moqueca pode ser considerada a síntese do caldeirão étnico que resultou nas cores e nos hábitos dos brasileiros. De origem indígena, passou por transformações que lhe deram mais sabor. Espanhóis e portugueses acrescentaram-lhe alho, cebola e coentro. Os negros, o azeite-de-dendê.

A moqueca baiana, originalmente, era feita em uma grelha de varas ou de folhas de árvores cobertas por cinzas quentes, chamado moquém. Diz a lenda que a receita foi passada aos capixabas por viajantes vindos da Bahia que a fizeram com os ingredientes disponíveis, mantendo o nome da iguaria.

Na versão capixaba, além do peixe, só é permitido tomate, cebola, coentro, azeite de oliva e urucum (coloral). No Espírito Santo, usa-se mais o badejo ou o dourado. O urucum, além de proporcionar cor ao prato, tira a acidez do tomate. Já os baianos fazem moqueca com tudo que venha do mar. Mais condimentada, leva azeite-de-dendê e leite de coco.

Baiana ou capixaba, além de bons ingredientes, para se preparar uma moqueca de dar água na boca, a panela de barro é primordial. Ela demora a pegar a temperatura, mas depois a mantém por muito tempo.

Camila Willig, estudante de Gastronomia, em Vila Velha (ES), atesta: “sem dúvida, faz toda a diferença uma panela de barro autêntica, pois o cozimento é melhor e a comida continua borbulhando à mesa.”

**MOQUECA DE DAR
ÁGUA NA BOCA, SÓ EM
PANELA DE BARRO**

Terapia do barro

TAMBÉM DA FAMÍLIA de Marinete e Berenícia, presidente e vice-presidente da Associação, Eronildes Correia de Menezes trabalha como paneleira desde os doze anos de idade, chegando a produzir quarenta peças por dia. “Saímos da realidade do quintal para outra bem mais interessante e com visibilidade. Aqui é um ponto comercial e turístico”, afirma.

Há 33 anos também fazendo do barro o seu cotidiano, Dona Genilda Ferreira confessa que faz panelas para se distrair. Lucie Barbosa Salles concorda: “É um trabalho que traz uma paz que só quem é paneleira sabe.”

Foi a “terapia do barro”, como muitas artesãs se referem ao ofício, que auxiliou Marinete Loureiro, presidente da associação por três mandatos, a enfrentar uma cirurgia cardíaca, em 1993, e outros problemas de saúde.

Constante no imaginário ocidental e oriental, não à toa, a narrativa bíblica credita ao barro poder inaugural. E são as mulheres da pequena localidade de Goiabeiras as responsáveis por fazer do barro um dos mais emblemáticos saberes populares do Brasil. Como o próprio ciclo da vida, a argila cumpre a alquimia e a magia dos quatro elementos basilares da natureza e essenciais aos homens: a terra, a água, o ar e o fogo.

**AS PANELEIRAS ALIAM,
NO OFÍCIO COTIDIANO, O
GOSTO PELO FAZER E A
COMPENSAÇÃO FINANCEIRA**



Fotos: Daniel Ferreira



Do barro, surgem bonecas plenas de atitude e graça

Associativismo garantiu às
artesãs do Vale do Jequitinhonha
reconhecimento e superação

MISTURAS DE BARRO MARROM, na modelagem, e branco, nos acabamentos, além de carvão e pedras trituradas, são utilizados pela artesã Maria José Gomes da Silva, a Zezinha, para alcançar diversos tipos de cores e tons para as bonecas que faz. A inspiração vem das moças e mulheres interioranas, sedutoras ou recatadas, noivas, grávidas e as já mães, amamentado.

Mesmo não tendo sido discípula direta de Izabel Mendes da Cunha, Zezinha pode ser considerada uma das guardiãs da arte da grande mestra, falecida aos 90 anos, em outubro de 2014. O passar do tempo não afastou Dona Izabel de seu ofício, que obteve reconhecimento nacional e internacional. Vivia em Santana do Araçuaí, hoje município de Ponto dos Volantes, Vale do Jequitinhonha (MG). Deixou um legado de beleza e qualidade às bonequeiras de toda a região.

Os vestidos das bonecas de Zezinha são ricos em detalhes, laços e rendas. Olhos ressaltados de íris cristalinas, bocas e unhas cuidadas e pintadas, adereços para mãos, braços e cabelos dão



às bonecas graça especial e realidade. O grande diferencial da artesã é antever com maestria o resultado final da combinação das cores que darão vida às bonecas que faz, antes mesmo do processo de queima do barro.

Coqueiro do Campo, onde Zezinha vive com a família, assemelha-se a tantos outros municípios do Vale. Todos enfrentam falta de chuvas e poucas oportunidades de trabalho. Quando vem a seca, os homens partem para as plantações de cana-de-açúcar, em São Paulo, deixando as famílias aos cuidados das mulheres.

A comunidade destaca-se, no emaranhado dos povoados vizinhos, pela produção de artesanato em cerâmica e em especial pelo trabalho de Zezinha, que desde os 15 anos vinha produzindo peças de cerâmica nos intervalos entre as tarefas diárias na lavoura e dentro de casa.

A artesã casou-se, em 1989, aos 21 anos. Durante os períodos de seca, o marido partia para o interior de São Paulo, como outros tantos cortadores de cana. Na época, ela enxergou no trabalho com o barro a oportunidade de aumentar a renda familiar. Com a ajuda de oito

companheiras, criou uma associação, em 1990. Três anos depois, já possuíam um bom acervo de peças prontas, vendidas nas feiras de Minas Novas e Turmalina. As peças eram transportadas em lombo de burros e elas iam junto, a pé. Dificuldades, hoje, superadas.

Em 1996, Zezinha e companheiras de ofício levaram 17 bonecas de cerâmica à Feira Nacional de Artesanato, em Belo Horizonte (MG). Vendeu tudo em uma hora. Em 2005, o Sebrae em Minas Gerais, passou a apoiá-las com cursos de capacitação e de gestão. Além disso, ajudou a criar a marca e o site do grupo, cartões de visita, embalagens e placas de sinalização para acesso à comunidade.

Em dezembro de 2006, a associação comemorou a venda de duas mil bonecas para a Fundação Banco do Brasil. Um mês antes, a então presidente da associação, Maria do Carmo Barbosa Souza, recebeu em São Paulo o Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato. Uma história de sucesso em benefício também dos familiares das artesãs. Atualmente, muitos maridos incorporaram-se ao ofício, principalmente nas etapas de preparação do barro, de queima das peças e de comercialização.



Zezinha consegue diversos tipos de cores e tons para as bonecas que faz





COURO E LÁTEX

Ceará | Pernambuco

Espedito Seleiro

É do couro que se faz o sertão-mundo do mestre de Nova Olinda, Ceará, um dos mais notáveis e admirados artesãos em atividade no país

O sertão está em toda parte, o sertão corre mundo | 82

Histórias irresistíveis | 84

Trabalho reconhecido | 88

Dr. Borracha

Sandálias e botas coloridas feitas em látex fazem sucesso no Brasil e exterior

Seringueiro, artesão e defensor da floresta | 90

Foto: Daniel Ferreira

O sertão está em toda parte, o sertão corre mundo

O atêlie do artista está sempre aberto para um “cadinho de prosa”

NO CORAÇÃO DO CARIRI, um homem de fala mansa, disposto e de bom humor vem, a seu modo, ensinando que grandeza rima com simplicidade. Do cangaço extrai o motivo de sua arte. De suas calejadas mãos de vaqueiro, beleza e delicadeza de encher os olhos e vitrines Brasil adentro, mundo afora.

Na sua pequena oficina, na cidade cearense de Nova Olinda, a 50 km de Juazeiro do Norte, dia e noite não pontuam a rotina de trabalho do artesão. “Muitas vezes emendo, saio daqui às três da manhã e antes mesmo de o sol surgir de beirada estou de volta”. Com sossegada alegria, recebe comerciantes interessados em intermediar o seu trabalho, viajantes, ou apenas visitantes de perto ou de longe, para “um cadinho de prosa”.

“Tenho sangue de seleiro. Deus me concedeu esse dom. É trabalhoso, mas bom. Há décadas no ofício, ainda aprendo”

Espedito Seleiro





“Espedito tem espírito empreendedor nato, pois além da vocação para criação, tem visão muito boa para o mercado”

Édio Callou, Sebrae no Cariri

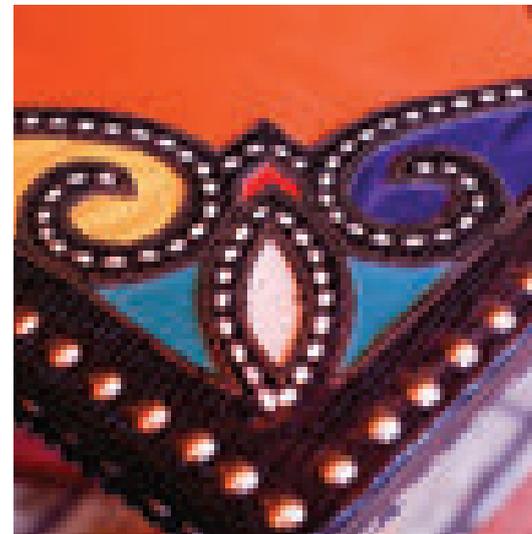
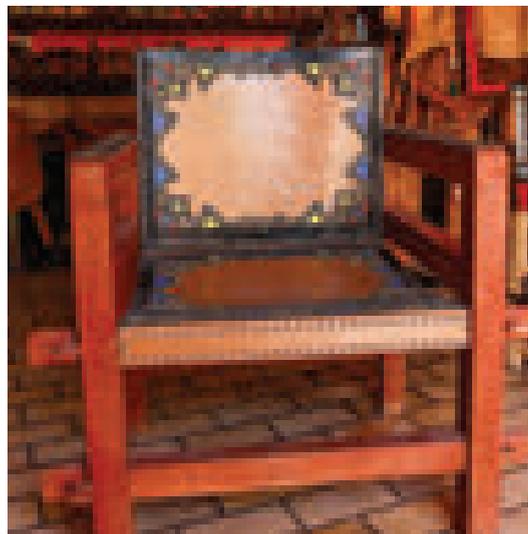
Histórias irresistíveis

ALÉM DAS MAGNÍFICAS PEÇAS EM COURO, uma diversificada linha de bolsas, sandálias, carteiras e itens de mobiliário, bem como os tradicionais chapéus, botas e gibões de vaqueiros, as histórias do artesão são igualmente irresistíveis.

Filho, neto e bisneto de vaqueiros e seleiros, Espedito Velozo de Carvalho, 76 anos, trabalha com couro desde os oito. Seu pai, em 1930, fez sandálias para Lampião, o lendário cangaceiro.

O modelo distinguia-se pelo solado retangular, assim pensado para, estrategicamente, despistar a polícia e os rastreadores que, diante daquelas estranhas pegadas, não conseguiam deduzir se o Capitão Virgulino ia ou voltava.

Espedito conta o episódio que representa a sua virada de seleiro para artista do couro bordado e colorido: “Nos anos 70, um cigano me pediu uma sela colorida. Foi um sufoco, mas consegui. A partir daí mudei o meu estilo de trabalho. Corria na mata, pegava casca de angico e chegava à cor marrom. Do urucum, extraía o vermelho. Da cinza de catingueira, o branco. Misturava tudo com óleo de peixe e aplicava no couro natural.”





Coleção Cangaço inclui estantes, cadeiras, poltronas e armários ornamentados

Negócio de família

A PRODUÇÃO envolve modelo, molde, corte e costura. É direto no molde que Espedito vai pensando e compondo suas peças. “Não desenho nada previamente. Tento riscar um cavalo e sai um cachorro”, brinca.



Fotos: Daniel Ferreira



**COLEÇÃO DE SANDÁLIAS
MARIA BONITA NUNCA SAI
DA LINHA DE PRODUÇÃO**

Além de sobrinhos e netos, três dos seus seis filhos com Dona Francisca de Brito Carvalho trabalham no ateliê. Em geral, a criação fica por conta de Espedito, e as costuras finais a cargo das filhas e noras. O filho Francisco Santana de Carvalho, 39 anos, é considerado por Espedito um “artista de primeira”.

A nora Irenilda Martins Carvalho é responsável pela parte comercial e vendas *online*. “É com muito gosto que faço parte dessa família há 16 anos. Até hoje me emociono com a simplicidade do meu sogro, com o seu amor pela arte”.



“Digo sempre a quem tenta me aperrear que tem de ter nervo para esperar. Arte e cultura pedem calma e paciência”

Espedito Seleiro

Trabalho reconhecido

O CONFESSADO ORGULHO das raízes sertanejas, sua reiterada reverência à tradição dos vaqueiros, tropeiros e ciganos do Cariri acabaram por levar Mestre Espedito a constituir, ao lado de sua oficina, o que hoje considera o seu grande feito, “a menina dos seus olhos, o sonho de toda uma vida”: o Museu do Couro.

Inaugurado em dezembro de 2014, o espaço configura memorial inédito do ciclo do couro na região e da própria saga de sua família,

princiada há quatro gerações – desde a sua infância no sertão dos Inhamuns até o momento atual em que é cotidianamente requisitado pelo mundo da moda.

Em parceria com a Fundação Casa Grande, a partir de objetos pessoais e fotografias de Augusto Pessoa, recompôs o caminho das boiadas no sertão e o estilo de trabalho e de vida daqueles homens e mulheres que tinham o cangaço como princípio, meio e fim. A máquina de costura ali

disposta guarda histórias que datam de mais de 200 anos.

“Ah, se essa máquina falasse, saberia contar muito melhor do que eu tudo que sei”, diz Espedito, emocionado. Um delicado baú de couro cru dedicado à mãe está ali como lembrança de seu percurso, ofício e destino. Foi o seu primeiro trabalho, aquele que marcou sua passagem de seleiro a estilista. O baú guarda e irradia a sua essência artística de inconfundível delicadeza e maestria.



Fotos: Daniel Ferreira

No Museu do Couro, fotos, peças e maquinário contam a história do produto, na região do Cariri

**COM O INEGÁVEL
RECONHECIMENTO
DE SUA
HISTÓRIA, NOME
E PRESTÍGIO,
ESPEDITO RECEBEU
DO MINISTÉRIO
DA CULTURA, EM
2011, A ORDEM DO
MÉRITO CULTURAL,
E DA SECRETARIA
DE CULTURA DO
CEARÁ O TÍTULO
DE "MESTRE
DA CULTURA",
EM 2008**



Seringueiro, artesão e defensor da floresta

Dr. Borracha, por intuição, aprendizado e curiosidade, alia o tradicional ao moderno

JOSÉ RODRIGUES ACORDAVA sempre de madrugada, fazia o próprio café e, antes do sol nascer, partia para a tarefa diária de cortar seringueiras, no município de Assis Brasil (AC), onde nasceu. Hoje, com o aumento da demanda pelo que produz, paga um seringueiro para fazer o corte das árvores e entregar-lhe o látex em casa.

A matéria-prima, depois de processada, transforma-se em sandálias e botas coloridas, além de uma variedade de acessórios que já fazem sucesso em grandes cidades do Brasil e do exterior.

Antes trabalhava sozinho na produção de botas que ele mesmo vendia em feiras. Agora tem três funcionários na linha de produção e conta também com a ajuda da mulher. O “Dr. Borracha”, como é conhecido, combina antigos ensinamentos repassados pelo pai, também seringueiro, com a técnica da Folha Semi Artefato (FSA), desenvolvida

pelo Laboratório de Tecnologia Química (Lateq) da Universidade de Brasília (UnB), que ministrou um curso no Acre. Nessa técnica, o látex é processado por meio de um produto químico especial, que dispensa o antigo método via calor e fumaça.

Dr. Borracha gosta de se definir como seringueiro, artesão e, sobretudo, defensor da floresta, de onde tira o sustento da família e a atual notoriedade nacional e internacional.

Assis Brasil é um pequeno município, com população estimada em 6,6 mil habitantes, localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia. Hoje, mora em Epitaciolândia, cidade um pouco maior e mais perto da capital Rio Branco.

José Rodrigues, o Dr. Borracha, preserva antigos ensinamentos



Adelmar dos Santos Maciel, gerente do Sebrae no Acre, explica que o talento de Dr. Borracha, um homem simples e afável, é genuíno e que, por intuição e curiosidade natural, já vinha unindo métodos tradicionais e modernos na confecção de suas peças. A contribuição do Sebrae foi incentivá-lo a participar de consultorias e clínicas de *design*, além de adotar critérios de gestão e de comercialização.





Depois de passar por clínicas de *design*, os calçados do Dr. Borracha ganharam encanto especial







Foto: Daniel Ferreira

LINHA E TECIDO

Pernambuco | Santa Catarina

Tapeceiras de Timbi

As artesãs de Camaragibe, região metropolitana de Recife, incorporaram a riqueza do universo sertanejo às peças que fazem

Rotina e fonte de renda sustentada por fios | 95

Produção diversificada | 97

A vez do algodão | 101

Bordados Casa Mayer

Grupos de mulheres de Blumenau resgatam a leveza e o colorido dos riscos dos tradicionais bordados de enxoval

Resgate dos saberes populares | 105

Tradicional e contemporâneo | 106

LINHA E TECIDO



Rotina e fonte de renda sustentada por fios

Produção atual inclui, além de tapetes, painéis, almofadas e passadeiras

O BORDADO, ARTE DAS MAIS ANTIGAS, faz parte do cotidiano e do destino de tantas mulheres e gerações que seguem e se revezam na remota tradição portuguesa dos tapetes arraiolos. O pequeno município pernambucano de Camaragibe, pertencente à região metropolitana de Recife, abriga a Associação Tapeçaria Timbi, fundada em 1983.

Representantes da associação, que tem o mesmo nome do bairro onde está instalada, procuraram o Sebrae em busca de alternativas de gestão, inovação e comercialização. Essa reciclagem foi necessária, em 2008, depois de ser constatada expressiva queda nas vendas de seus produtos, então pouco diversificados.

As artesãs, que têm na tecelagem a âncora da própria rotina e fonte de renda, reconheceram a necessidade de orientação e de acompanhamento técnico, tanto na confecção dos produtos quanto na expansão das oportunidades de negócios.

PRODUTOS VARIADOS E DE PREÇOS ACESSÍVEIS AUMENTARAM AS VENDAS DAS TECELÃS



Produção diversificada

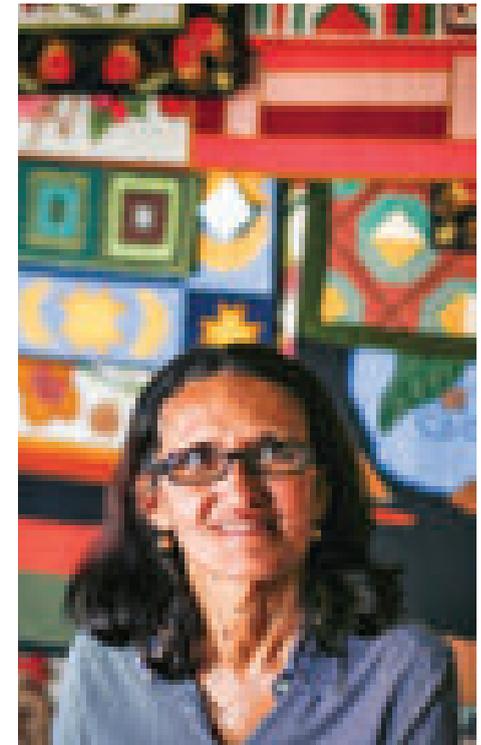
A PARCERIA SEBRAE E ASSOCIAÇÃO TAPEÇARIA TIMBI foi desenhada depois de feito o diagnóstico que indicou a necessidade de se diversificar e otimizar processos produtivos, bem como acessar mais mercados. O Centro Pernambucano de *Design* foi, então, contratado pelo Sebrae, assumindo a capacitação das 21 artesãs associadas. Outro projeto que imprimiu ainda mais expressão e relevo à tapeçaria de Timbi decorre da parceria com um dos maiores mestres do cordel e da xilografia do país, o pernambucano J. Borges.

Novas coleções

Graças ao incentivo do Programa Cultural Banco do Nordeste do Brasil (BNB) foi possível comprar os direitos autorais do xilógrafo J. Borges e realizar a transposição das suas gravuras para grandes painéis.

Os temas são escolhidos de suas irreverentes e bem-humoradas histórias e singulares apropriações de tradições antigas, como *A chegada da prostituta no céu*, *Asa branca no sertão*, *A morte da mulher boa*, *O frevo*, *A vida do preguiçoso*, *Lampião no forró do vale tudo*, *Moça roubada*, *Fim de semana em casa de pobre*, entre outros.

Significativa inovação foi a criação, em 2009, da primeira coleção constituída por duas linhas de peças exclusivas: *Árvore da vida* e *Cenas do cotidiano*, inspiradas em temas variados, incluindo os especificamente pernambucanos, o que possibilitou a incorporação aos produtos de mais elementos da xilogravura. O reconhecimento da criatividade artística somado ao associativismo rendeu ao grupo, respectivamente, em 2009 e 2012, o Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato.



“O trabalho das artesãs é igualmente moderno e de gosto popular – é esse o seu grande diferencial”

Fátima Gomes,
Sebrae em Pernambuco

“Hoje minha rotina ficou mais razoável do que a de anos atrás, quando bordava até a agulha dormir na mão, para poder dar o pão aos filhos”

Salete Vange Marques da Silva, tapeceira

Tecendo o belo

NO COMEÇO, as artesãs estranharam deixar um pouco de lado os desenhos e arabescos dos tapetes arraiolos. No entanto, ao se entranharem nas histórias da literatura de cordel, passaram a compartilhar, também em telas e linhas, a riqueza do universo sertanejo que vigora com força no imaginário popular nordestino.

Fotos: Daniel Ferreira



As artesãs abraçaram com entusiasmo as novidades ao perceberem que bordados de temática diversa, aplicados sobre produtos utilitários e de decoração, estavam impressionando e encantando ainda mais as pessoas.



A associação, além do aumento imediato nas vendas, tem encontrado espaços comerciais sofisticados e feito exposições de renome.

LINHA E TECIDO



A vez do algodão

APÓS UMA SÉRIE de visitas técnicas e da realização da oficina *Design para Mercado*, as artesãs decidiram trocar o tradicional fio de lã pelo cordão de algodão, material mais moderno e apropriado ao calor do estado.

Apesar da resistência inicial, tanto em relação ao fio quanto na utilização de apenas cores preto e branco, rapidamente elas admitiram que a nova técnica agregou melhor sensação tátil, redução de custo, além de ser ecologicamente mais correta.

Além da consultoria de *design*, as tapeceiras foram capacitadas em plano de negócios, formação de preço de venda, controle de estoque e atendimento ao cliente. Tais inovações tiveram impacto imediato, e as novas coleções foram muito bem recebidas em espaços e exposições de porte e renome.

Ainda em 2009, outra coleção do grupo, intitulada Casario Pernambucano, foi sucesso de público e vendas em mostra de *design*, em ambientes assinados por conhecidos arquitetos. No ano seguinte, esse mesmo trabalho foi finalista da premiação promovida pelo Museu do Objeto Brasileiro – A CASA, na categoria Objeto de Produção Coletiva.

“Não faz muito tempo minha médica me pediu o óbvio: por que não borda? Ela não sabia que esse é meu ofício”

Maria do Carmo Casemiro,
presidente da Associação Tapeçaria Timbi

“O casario é uma das minhas coleções preferidas. Adoro essas peças alegres e coloridas”

Ivonete de Moura Santana,
vice-presidente da Associação Tapeçaria Timbi



Fotos: Daniel Ferreira

LINHA E TECIDO



Fotos: Daniel Ferreira

**AS TAPECEIRAS DE TIMBI VÊM
AUMENTANDO O FATURAMENTO COM A
MAIOR DIVERSIFICAÇÃO DE SEUS MOSTRUÁRIOS**

Mais oportunidades

A PARTIR DOS TEMAS DAS COLEÇÕES E COM O PROPÓSITO de expandir as vendas, o Sebrae orientou o grupo a incorporar outros itens mais simples e baratos à produção, compondo, em serigrafia, uma linha de suportes para pratos, forros americanos, capas de almofada, luvas de forno, aventais e camisetas. “É o que mais sai, principalmente em feiras.”

A Tapeçaria Timbi vem ganhando alcance fora do Brasil. Em 2013, mereceu destaque especial na exposição *Brazilian Craftswoman*, realizada na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, Estados Unidos.

É, portanto, com encantada atenção, que o Brasil vem, progressivamente, reconhecendo o trabalho das tapeceiras de Timbi. Com fios e sabedoria, elas continuam dando vida a desenhos e trançados, associando tradição à inovação.



LINHA E TECIDO



Resgate dos saberes populares

Acervo de riscos e pontos da Casa Meyer são aplicados em novos produtos

QUEM SE LEMBRA OU CONHECE um pouco da história de Blumenau, em Santa Catarina, certamente recorda-se da Casa Meyer. A casa do bordado típico da cidade era referência nacional na comercialização de itens para trabalhos manuais.

Inaugurada em 1903, fechou as portas em 1997. Em 2014, o Parque Vila Germânica, autarquia da prefeitura de Blumenau, e o Sebrae firmaram parceria para resgatar linhas e traçados das antigas bordadeiras que espalharam cores e beleza por todo o Brasil e o exterior.

O marco do início do projeto foi a organização de um café para recolher os riscos ainda existentes, guardados com cuidado e carinho por muitas filhas e netas das bordadeiras. Em seguida, foi feito um levantamento das informações disponíveis. A ideia era, a partir desse acervo, desenvolver novos produtos, mantidas as técnicas repassadas de mães para filhas.

Foto: Odair Mendes



O PRINCIPAL OBJETIVO DO PROJETO É TORNAR O GRUPO CAPAZ DE REPRODUZIR PEÇAS CONTEMPORÂNEAS COM MAIOR VALOR DE MERCADO

Tradicional e contemporâneo

O TERCEIRO PASSO DO PROJETO *Bordado de Blumenau* foi a realização de um curso-piloto que contou com a participação de dezoito artesãs. Foram trabalhados temas como história local, pertencimento de grupo, técnicas e desenvolvimento de produtos com identidade cultural.

Outros temas foram: inspiração dos riscos; produção das chapas; técnica do riscar; pontos utilizados e peças tradicionais de enxoval. Para isso, alguns conteúdos permearam o processo. Entre eles, valorização da memória e da identidade dos traços, por meio da preservação dos pontos utilizados, riscos e acabamentos que fizeram parte da história da cidade e do cotidiano feminino.

Também foram pesquisadas as referências culturais e sociais trazidas pelos imigrantes em documentos e jornais. Além disso, desenvolveram-se produtos com traços, pontos e cores tradicionais, dando-lhes aplicação contemporânea, por meio da diversificação de tecidos, formas, função e acabamentos.



**MUITAS FAMÍLIAS
GUARDAVAM
COMO RELÍQUIAS,
CATÁLOGOS,
RISCOS, LINHAS
E APETRECHOS
PARA BORDADOS
VENDIDOS PELA
CASA MEYER**



Riscar e bordar

PARA MARCAR O RISCO, que se pretende bordar no tecido, é preciso papel vegetal e tinta feita de pó xadrez, parafina e querosene.

A diversidade de tons das linhas para o bordado não é tão fácil de se achar quanto antigamente. Não existe mais a variedade do degradê (variação de tons de uma mesma cor) e o brilho não é o mesmo.



Fotos: Odeir Mendes

O Bordado de Blumenau espalhou-se pelo Brasil na forma de tapetes, toalhas de banquete e quadros. Hoje, a limitação da variedade dos tecidos faz a produção concentrar, por enquanto, em trilhos de mesa, jogos americanos e toalha de bandeja.



“Usamos, atualmente, uma linha mais grossinha, que preenche o bordado, e com ela conseguimos fazer um leve relevo. Bordamos sobre o cânhamo fino, porque a variedade de tecidos também é menor”

Susan Steinhausen, professora das técnicas de bordados da Casa Meyer

Ponto e trama

A TRAJETÓRIA DA CASA MEYER une-se a de muitos blumenauenses que transformaram o bordado em fonte de renda, incentivados pela empresa fundada por Wilfried Meyer, um verdadeiro artista na arte do risco e dos pontos. O Sr. Meyer aprimorou seu talento na Alemanha e deixou como legado um acervo de trabalhos.

A maioria desses bordados continha motivos florais, em cores de diversos matizes. A partir deles foram criados tons exclusivos que somente eram comercializados para este trabalho manual. Os tecidos mais usados eram: étamine, pano saco, linho de algodão e sintético.

Os pontos mais frequentes eram: ponto Meyer, assim chamado porque seguia a trama do tecido, diferente do ponto cheio, que é livre e segue qualquer sentido da trama. Eram usados também o nó francês e os pontos: atrás, caseado, areia, pintura de agulha, cheio com dois fios e ponto cruz.

Um dos aspectos principais da Casa Meyer foi a formação de bordadeiras e bordadeiros que também aprenderam a desenhar em tapeçaria e riscar os bordados nos tecidos para as toalhas de mesa. Destaca-se o trabalho dos bordadeiros, que representaram quebra de paradigma em uma sociedade que direciona essa arte de bordar ao mundo feminino.

“O curso foi uma fantástica oportunidade de reviver algo que sempre admirei. Estou encantada e pretendo multiplicar esse conhecimento”

Maria Claudete Cipriani, do grupo *Bordados de Blumenau*

Foto: Odair Mendes









Foto: Daniel Ferreira

PALHA E FIBRA

Goiás | Maranhão

Fatinha de Olhos d'Água

A artesã subverte a aspereza da palha com originalidade e maestria, imprimindo movimento, graça e delicadeza em virgens, arcanjos e santos

Ainda menina, descobriu a magia da palha de milho | 114

Artista e empresária | 118

Dinamismo e engajamento | 120

Associações Mulheres de Fibra e Rio Grande

As artesãs perceberam os bons resultados financeiros que teriam, a partir de um trabalho conjunto capaz de dar escala à produção

Do buriti nascem bolsas, tapetes e redes | 126

Ainda menina, descobriu a magia da palha de milho

De brincadeira, começou a fazer bonequinhos de palha para, mais tarde, dedicar-se a anjos e pequenos presépios

A VENCEDORA DE TRÊS EDIÇÕES DO PRÊMIO SEBRAE TOP 100 DE ARTESANATO, Maria de Fátima Dutra Bastos, vem encantando o Brasil com suas imagens sacras e presépios. A artesã subverte a aspereza da palha com originalidade e maestria, imprimindo movimento, graça e delicadeza às peças de todos os tamanhos.

As palhas que utiliza são obtidas do cruzamento dos milhos branco, amarelo e crioulo. Naturalmente mescladas, dispensam tingimento. É do próprio quintal e do cerrado em torno de Olhos d'Água, distrito de Alexânia (GO), onde vive, desde que nasceu, que essa artesã de mãos hábeis e fala entusiasmada extrai os insumos para o que faz: além das palhas de milho, fibras de bananeira, flores e sementes.





“Sou minhoca
da terra. Sempre
vivi aqui,
onde nasci”

**Fatinha de
Olhos d'Água**

Foto: Daniel Ferreira

Cartão-postal

O ATELIÊ FATINHA FIBRAS E FIOS integra o gracioso postal do vilarejo, em perfeita harmonia com as demais casas coloridas e de estilo colonial. Dispostas em torno da Praça de Santo Antônio, formam um grande quadrado arborizado, moldura da igreja.

A pequena Olhos d'Água, distante 100 quilômetros de Brasília e 120 quilômetros da capital de Goiás, Goiânia, abriga pouco mais de mil pessoas e tem Fatinha como uma espécie

de madrinha. Filha e neta de tecelãs, ela define-se “minhoca da terra”, por ter sempre vivido onde nasceu e também pelo amor que tem em plantar, regar, cuidar e colher.

Depositária e praticante de ensinamentos ancestrais, diz que bons plantios seguem as fases da lua. Tem como guia os apelos da sustentabilidade. Aproveita tudo do cerrado, de sementes a flores. Usa toda a palha de milho descartada para alimentar os porcos e as galinhas da chácara da família.



Delicadeza

A partir do casamento, em 1983, a veia artesã de Fatinha intensificou-se. E, mesmo tendo montado com o marido uma tecelagem, jamais perdeu de vista as fibras e as palhas. Prosseguiu compondo delicados “presepinhos”, responsáveis pelo início de seu reconhecimento como artesã.



Fotos: Daniel Ferreira



Artista e empresária

O PERCURSO DA ARTESÃ teve início em 2001, a partir de uma Rodada de Negócios de Artesanato promovida pelo Sebrae no Rio Grande do Sul. As peças de seu ateliê, que conta com oito funcionários, foram campeãs de venda.

Não pensava ser empresária, tão somente artesã, diz ao reafirmar, emocionada, o legado deixado pela mãe e avó: “aprendi a honrar tudo que me foi confiado.”

O atendimento da crescente demanda, além de seu trabalho de consultora, fez com que deixasse a tecelagem para dedicar-se, exclusivamente, aos seus anjos e santos de traços e detalhes inconfundíveis.

Em companhia de sua equipe, Fatinha fez várias capacitações promovidas pelo Sebrae: gestão empresarial, formação do preço de venda, *design* e melhoria de processos produtivos e de estratégias para acesso a mercados específicos.



Foto: Daniel Ferreira

Dinamismo e engajamento

AS PEÇAS DE FATINHA têm corrido Brasil afora e já chegam a outros países. A repercussão foi ainda maior depois de vários convites para participar de programas televisivos.



Fotos: Daniel Ferreira

Por seu dinamismo, engajamento e capacidade de liderança, foi convidada para chefiar a Secretaria de Cultura de Olhos d'Água, cargo que ocupou por quase dois anos.



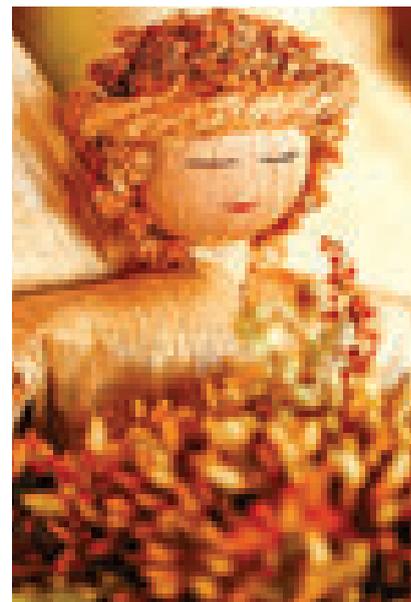
A maior alegria da artesã é ver o que plantou e colheu transformado em Marias, Josés, Antônio, Franciscos, Luzias, Terezinhas e tantas outras imagens ricas em detalhes.





Céu na terra

FATINHA, QUANDO COMEÇOU a trabalhar seriamente a palha, pensou grande. Queria fazer obras de arte e ser reconhecida por isso. Passou, então, a desenvolver movimentos, vestes e também atitudes corporais e faciais próprias da escultura santeira. “O dia em que eu consegui fazer a primeira virgem com a leveza pretendida, lembro-me até hoje, o dia já nascia e eu queria explodir de alegria.”



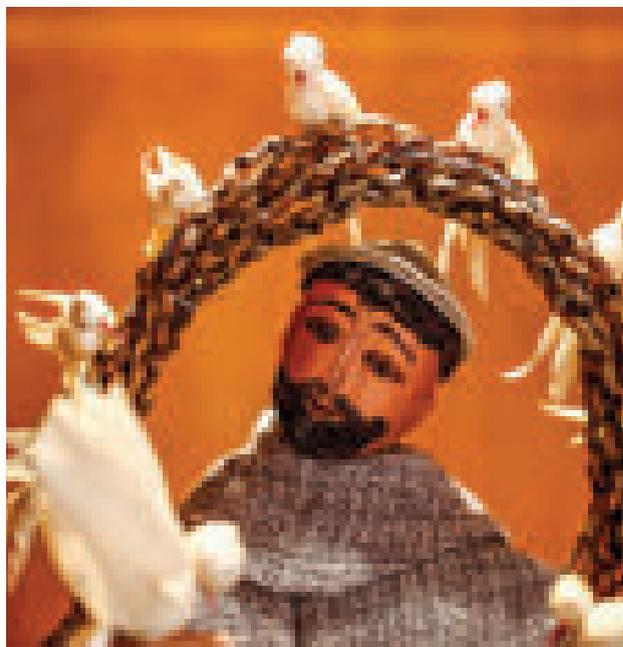
Fotos: Daniel Ferreira

“O que mais gosto de fazer são os anjos, é como se eu estivesse com eles”

Daniel Francisco da Silva, artesão do ateliê *Fatinha Fibras e Fios*

“É um trabalho que acalma,
faz bem à alma – e essa paz
nós passamos para as peças.
Santo não pode ter cara feia”

Maria Izabel, artesã do
ateliê *Fatinha Fibras e Fios*





Persistência e determinação

SEM O TEMOR DE SER COPIADA, Fatinha diz que a arte está dentro de cada um. “Sempre crio na hora. Cada peça é diferente da outra.”

De norte a sul do país, a artesã compartilha experiências, ministra oficinas de como manejar palhas e fibras, tirando o devido proveito das raízes e identidade de cada região. Com seus anjos e santos, espalha beleza e reflexão por onde passa.

Dizem que escultores não vêm apenas a pedra, mas o que ela esconde. Assim é Fatinha. Sempre insistiu em ver na palha do milho o que ninguém via. Teimosa e persistente imaginação.

Fotos: Daniel Ferreira

“Crio na hora. Cada peça é diferente da outra”

Fatinha de Olhos d'Água

A ARTESÃ
SEMPRE VIU
NA PALHA
O QUE
NINGUÉM
VIA





Fotos: Divulgação Sebreae

Peças da Associação Mulheres de Fibra aliam palha do buriti, sementes e madeira trabalhada

Do buriti nascem bolsas, tapetes e redes

Artesãs perceberam os bons resultados financeiros que teriam a partir de um trabalho conjunto capaz de dar escala ao que produziam

A FIBRA, TRABALHADA EM TEAR MANUAL, dá expressão a um artesanato permeado de influências indígenas e europeias. Do buriti se aproveita quase tudo. Do tronco da palmeira se extrai o palmito e da polpa do seu fruto, o suco. Também dela se extrai a fibra para a produção artesanal e a palha para cobertura de casas. O tronco pode ser cortado em ripas, utilizadas em construções e móveis.

No Maranhão, na capital ou no interior, há muitos grupos de mulheres que se dedicam a transformar a fibra do buriti em belos acessórios de moda ou em utilidades domésticas.

São chapéus, braceletes, tapetes, centros de mesa, painéis, redes, pulseiras, bolsas, toalhas, esteiras, calçados e jogos americanos. Inicialmente, as peças eram apenas para uso doméstico.

Hoje, o artesanato em buriti pode ser visto como uma atividade econômica reforçada pelo turismo. Entre as associações reconhecidas pelo Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato, em 2012, está a *Mulheres de Fibra*, sediada na capital, São Luís. Além do buriti, as 20 associadas trabalham com outras fibras vegetais retiradas das palmeiras tucum, babaçu e da herbácea guarimã. Costumam associar essas fibras, trabalhadas na técnica de tecelagem manual, a diferentes tipos de semente e madeira.

Outra associação sediada em São Luís, a *Rio Grande*, também obteve a mesma premiação do Sebrae. Das 50 artesãs, 20 são especializadas na arte de tecer fibras de buriti. Produzem peças em diferentes tons de uma mesma cor ou multicoloridas. O forte de suas integrantes são bolsas femininas.

Antes, as artesãs viviam às voltas, quase que exclusivamente, com seus afazeres domésticos, e dependiam da renda de seus maridos e filhos. Aos poucos, foram percebendo os bons resultados financeiros que teriam a partir de um trabalho conjunto capaz de dar escala à produção. Levaram também em conta a melhor forma de atender à crescente demanda, movimentada por moradores e visitantes e por pontos de venda fora do Maranhão.



Algumas das peças produzidas pela Associação Rio Grande





Foto: Daniel Ferreira

REAPROVEITAMENTO

Rio Grande do Sul | Pernambuco

Colônia São Pedro

Esposas, filhas e irmãs de pescadores trabalham com o que normalmente iria para o lixo

O descarte vira luxo | 130

Mais produção e faturamento | 136

WS Artes

Resíduos de couro de bode, antes eliminados sem qualquer critério, revestem móveis e peças decorativas

Aliados na preservação do meio ambiente | 140

O descarte vira luxo

Velhas redes, couros de peixes
e escamas ganham brilho e cor

Foto: Daniel Ferreira





A GRANDE EXTENSÃO DA LAGOA DOS PATOS justifica o apelido que recebeu: Mar de Dentro. Afinal, em diversos pontos, ao longo dos seus 265 quilômetros de comprimento por 60 de largura, suas margens chegam a se confundir com o horizonte.

Ladeada por areias brancas e banhando nada menos do que 14 municípios do Rio Grande do Sul, a chamada Costa Doce faz do turismo fonte de renda para a população. Ventos e água conferem fartura ou escassez de peixes ou camarões – principal sustento das comunidades que se fixaram nas pequenas vilas de areia batida e casas coloridas.

Na Colônia de Pescadores São Pedro, distrito de Pelotas, uma das dezenas de colônias de pescadores da região, um grupo de mulheres vem fazendo nome e história de modo original. Esposas, filhas e irmãs de pescadores trabalham com o que normalmente se descarta como lixo. O couro da tainha, corvina, cascuda e linguado transformam-se em pequenas bolsas e carteiras. Das escamas, são feitas delicadas biojoias: brincos, colares, pulseiras. Das velhas redes, bolsas de todos os tamanhos e uma variedade de acessórios femininos.

REAPROVEITAMENTO

**AS REDEIRAS TÊM
PONTO DE VENDA
NO MERCADO
PÚBLICO DE
PELOTAS, UM
DOS ÍCONES DA
ARQUITETURA
DA CIDADE**



Novas técnicas

EM 2008, O GRUPO, ATUALMENTE COM NOVE MULHERES, passou a integrar o programa Artesanato do Mar de Dentro, desenvolvido pelo Sebrae no sul do estado, que abrangeu várias etapas, desde a criação das peças até a administração do negócio. O programa encerrou-se em 2011, mas a associação prossegue contando com apoio institucional ainda em diversas frentes, no âmbito do projeto *Brasil Original*.

A orientação e o suporte do Sebrae contribuíram para que as artesãs integrassem a associação titulada como Redeiras, nome emprestado da primeira coleção. Responsável pelo acompanhamento do projeto, a consultora Rosani Schiller conta que, de início, houve alguma resistência por parte das artesãs de se valerem de técnicas diferentes, como o tear. Também questionaram a maneira de pensar mais coletiva e comercial. Mas a partir da primeira oficina, realizada pela *designer* de Porto Alegre, Karine Fachim, o entusiasmo tomou conta do grupo.

A Associação Comercial de Pelotas aliou-se às artesãs, colaborando no encaminhamento do registro da marca. Para a divulgação de suas obras, a Account Gestão Digital criou, em 2010, sem custo algum, o *site* das redeiras. A Secretaria de Turismo de Pelotas também se fez parceira estratégica, garantindo um importante espaço de visibilidade e de vendas de suas peças: a loja no Mercado Público da cidade, em funcionamento há mais de dois anos.

“Orientação e capacitação permitiram que as redeiras adotassem novas técnicas, como o tear, e também que pensassem de maneira mais coletiva e comercial”

Rosani Schiller,
consultora



Mar de Dentro

AS GASTAS REDES DE PESCA, abandonadas após algumas safras, são aproveitadas pelas mulheres da Colônia São Pedro, a partir de singularíssima técnica.

Devidamente recortadas, os fios são enrolados em novelos e depois tecidos em rústico tear ou crochê. Do reaproveitamento das redes, surgem bolsas, colares, pulseiras, chapéus, blusas, lenços e outros acessórios.



Fotos: Daniel Ferreira



Os resultados contabilizados derivam de muito trabalho coletivo: oficina de desenvolvimento de produtos, consultorias de *design*, cursos de formação de preços e sobre cooperativismo/associativismo, relações interpessoais, planejamento estratégico, gestão visual de lojas.



As capacitações foram essenciais para a conscientização do valor delas como artesãs, além de assegurar o acesso continuado aos mercados e às esperadas inovações dos produtos - informa Jussara Argoud, do Sebrae no Rio Grande do Sul.



Mais produção e faturamento

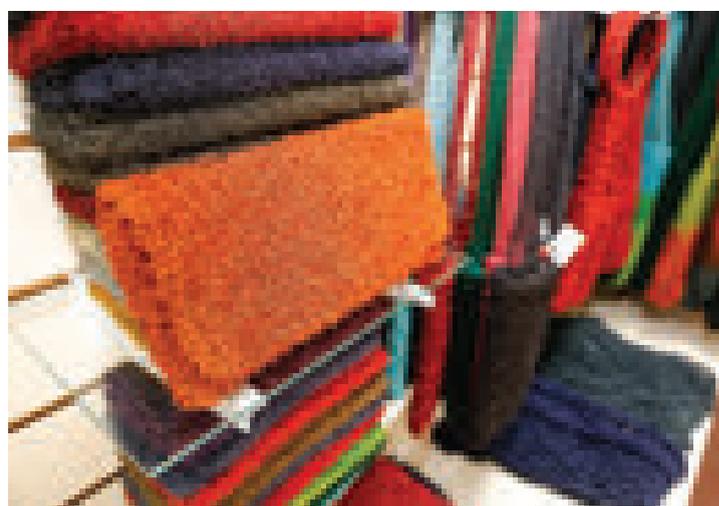
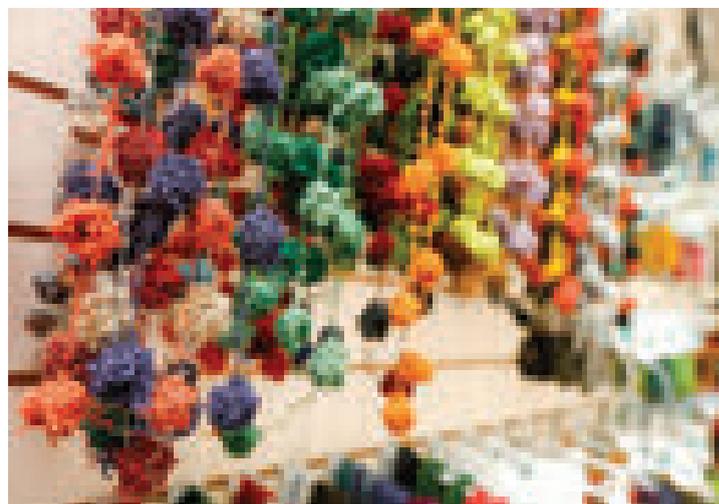
O RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO do trabalho das redeiras dobraram a renda de suas famílias. E é impressionante o salto produtivo registrado. Com a organização atual e o trabalho em equipe, o rendimento médio anual de cada artesã passou de R\$ 4 mil para R\$12 mil.

É visível o aumento da capacidade e agilidade de decisão dessas mulheres. Antes, apresentavam dificuldades de precificar seus produtos. Tinham certo receio de pedirem o justo preço. Hoje, sabem com presteza estimar o valor merecido e compará-lo com o de mercado, pois entendem a relevância do trabalho manual e da originalidade do que fazem.

Resistindo aos passos apressados das cidades e à produção em série das fábricas, as mãos das Redeiras da Colônia de Pescadores São Pedro prosseguem firmes, em harmonia com as águas calmas da região. Souberam, com certeza, tecer e reinventar a vida, por meio da arte que tão bem dominam.

“A linha de bolsas Lagoa dos Patos ilustra bem o capricho e a perfeição impressos nas peças”

Viviane Ramos,
presidente da associação



Fotos: Daniel Ferreira





Karine Portela e Flávia Silveira, além de redeiras, trabalham também com biojoias

Trabalho e brincadeiras

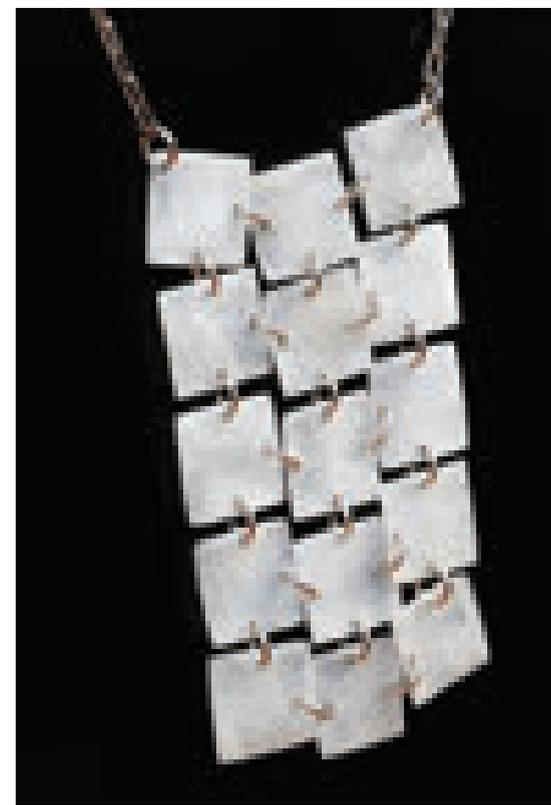
É COM MUITO BOM HUMOR que as artesãs cumprem suas rotinas de trabalho. Trabalhando em equipe, quando necessário, o tom é sempre o de provocação mútua e de brincadeiras recorrentes. As viagens constantes pelas feiras e exposições afora têm contribuído para a coesão solidária e cooperativa da associação.

“A loja é nosso termômetro para testar produtos”, afirma Karine Portela Soares, uma das artesãs que se reveza na composição de biojoias, a partir das escamas de peixe e na arte de redeira com fios de rede. “Com o aumento da demanda por nossas peças, passamos a terceirizar o serviço, envolvendo pessoas da comunidade no corte de redes e escamas”, explica sua colega de trabalho, Flávia Silveira Pinto.



Fotos: Daniel Ferreira

**ESCAMAS TRATADAS
SÃO CONVERTIDAS EM
REFINADAS BIOJOIAS
QUE JÁ CHEGARAM
A SER EXPORTADAS
PARA A FRANÇA**





Fotos: Divulgação WS Artes

Do que era descartado também são produzidos flores e porta-guardanapos

Aliados na preservação do meio ambiente

Resíduos de couro de bode que eram descartados sem qualquer critério revestem móveis e peças decorativas

RASPAS E RETALHOS de couro de bode que, normalmente seriam queimados ou descartados em lixões, riachos e rios, passaram a ser preservados por pequenos curtumes de Bom Jardim, no agreste pernambucano. Esses resíduos são, agora, enviados aos artesãos de Pombos, situado à 60 quilômetros de Recife, na chamada Zona da Mata.

Os curtumes preparam o couro de bode para os fabricantes de vestuário, calçados e acessórios. Os retalhos são limpos e separados por tipos e tamanhos. Os menores são encaminhados aos tapeceiros. Os maiores, utilizados em revestimentos de móveis, cerâmicas de tamanhos variados, tornando-as mais decorativas. Deles também são feitos flores, portaguardanapos, porta-trecos e chaveiros.

O acabamento das peças é feito no ateliê, em Olinda, de Solange e Walter Wagner, marido e mulher, coordenadores da Associação WS Artes. O Sebrae vem contribuindo para a organização dessa corrente de fornecedores de matérias-primas e artesãos com bons resultados no processo de produção e comercialização.

“Todos os elos da corrente vem ganhando com essa maior organização”, explica Solange. Há benefícios para artesãos e familiares e para o meio ambiente, representado pela não poluição de terrenos e mananciais da região. Antes, não se

pagava pelos resíduos de couro recolhidos. Passaram a ser pagos como forma de incentivar os curtumes a não optarem pelo simples descarte sem critério ambiental.

Os ceramistas vêm auferindo maior renda com o crescimento das encomendas de peças que serão revestidas de couro. O ateliê de Solange e Wagner também promove oficinas de modelagem, disseminando conhecimentos técnicos e artísticos. “Nosso objetivo é o atendimento das exigências do mercado quanto a critérios de beleza e qualidade com respeito ao meio ambiente e a nossa identidade cultural,” ressalta Solange.



A WS Artes promove oficinas de modelagem disseminadoras de conhecimento



PRATA E PEDRA

Minas Gerais | Piauí

Prateiros do Leite

Atraídos pela vida simples, beleza e abundância das pedras preciosas, artesãos especializaram-se na sofisticada arte da ourivesaria

O fascínio da pedra guia cada peça | 145

Aposta no *Design* | 148

Textura e movimento | 154

Opalas de Pedro II

O município possui as únicas minas de opala do Brasil. Os artesãos inspiram-se nas cores de seu casario colonial e belezas naturais

Opala, preciosa pela raridade e beleza | 156

PRATA E PEDRA



O fascínio da pedra guia cada peça

Prateiros do Leite reúnem
habilidades de *design*, ourivesaria e joalheria

ENTRE VALES E MONTANHAS, Minas Gerais ostenta, já no nome, gênese e vocação, uma diversificada e inestimável riqueza mineral. Santo Antônio do Leite, pacato distrito de Ouro Preto, confirma a prodigalidade do solo mineiro.

Atraídos pela vida simples e pela beleza das pedras preciosas, pessoas nascidas ali e de fora especializaram-se na sofisticada arte da ourivesaria. Hoje, integram seleto reduto de artesãos de prata e gemas, cuja produção, em cada ateliê, gira em torno de 250 joias por mês.

A Associação Arte Leite, criada em 2003, foi devidamente formalizada três anos depois. Passou, então, a chamar-se Associação Prateiros do Leite. Desde 2009, conta com o suporte do Sebrae, por meio de capacitações variadas e apoio logístico, bem como ações de acesso a novos mercados.

**ATRAÍDOS PELA VIDA
SIMPLES E PELA
BELEZA DAS PEDRAS
PRECIOSAS, ARTESÃOS
LOCAIS E DE FORA
ESPECIALIZARAM-SE NA
ARTE DA OURIVESARIA**

Diagnóstico e capacitação

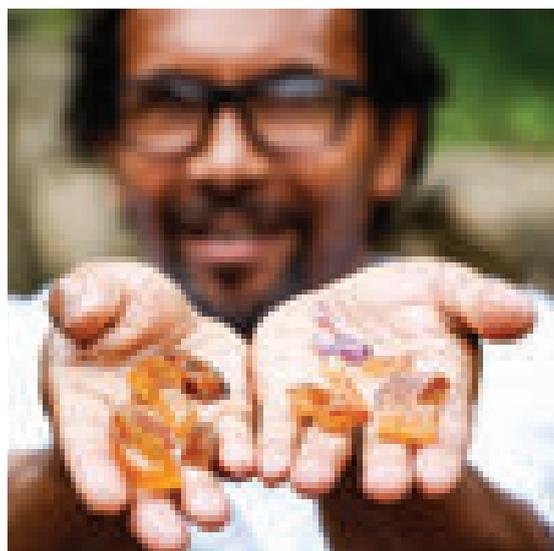
NO INÍCIO, DEZENAS DE ARTESÃOS produziam para um pequeno grupo de fornecedores de prata e pedras. A situação inverteu-se e, agora, são eles que dependem dos artesãos, que se tornaram empreendedores. Embora mantida a tradição da produção individual, o grupo dispõe, hoje, de sede própria. Dentro do espírito associativista, os artesãos revezam-se em feiras e exposições por todo o país.

O primeiro passo do trabalho conjunto — Sebrae, parceiros e artesãos — foi o de apurar as potencialidades do grupo e as características de cada profissional. O levantamento dos pontos negativos e positivos da atividade de ourivesaria local resultou em diagnóstico que identificou a necessidade urgente de aperfeiçoamentos em gestão e empreendedorismo.

Feito o diagnóstico, foram implementadas ações de acesso a novos mercados, de participação em eventos nacionais, além de estratégias de comercialização e divulgação das joias. A profissionalização também trouxe cuidados quanto à preservação do meio ambiente. Resíduos passaram a ser descartados corretamente. Também foram adotados procedimentos de segurança, como o uso de instrumentos mais adequados de trabalho, além de óculos e máscaras.

“O mercado consumidor está cada vez mais exigente. Precisamos inovar e nos capacitar sempre”

Dilson Ribeiro da Silva, presidente da Associação Prateiros do Leite



Dilson, que desenvolveu sistema de cravação diferenciado, junta fragmentos de cascas de coco, prata e topázio imperial



Aposta no *Design*

COM O PROPÓSITO DE OBTER MAIOR APURO NA PRODUÇÃO

e uma criação mais requintada e personalizada, o grupo aderiu a uma das oficinas conduzida pela Escola de *Design* da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). A ideia era reforçar o traço individual de cada um, sem perder de vista a identidade da região e do estado.

Do processo de capacitação técnica e da geração integrada de novos produtos surgiu o nome Prateiros do Leite, que melhor definiu o conceito das peças, dando-lhes identidade local. Passada essa fase, partiu-se para uma imersão no universo simbólico e na realidade geográfica e cultural de cada artesão.

Essa imersão possibilitou a criação de linhas específicas, bem como materiais alternativos conjugados, além da prata e das pedras. A associação funciona em sede própria e é gestora de um *site* que dá visibilidade às coleções de seus artesãos, organizadas em catálogo.

"Ao todo, foram 243 horas de cursos de gestão comportamental, empreendedorismo, formação de preço de venda, comercialização de produtos, orientação financeira e oficinas de *design*"

Sabrina Campos
Albuquerque,
Sebrae em Minas Gerais



Foto: Divulgação Sebrae MG



**O RARO TOPÁZIO IMPERIAL,
SÓ ENCONTRADO NO BRASIL,
NA REGIÃO DE OURO PRETO,
DE COR QUE TRANSITA
ENTRE O AMARELO-OURO, O
ROSADO E O TRANSPARENTE,
ERA CHAMADO PELOS
GREGOS ANTIGOS DE
"BRILHO DA TERRA"**



Fotos: Daniel Ferreira



Paixão por turmalinas

CLÁUDIA ROSÁRIA DA SILVA dedica-se há 35 anos ao ofício que lhe possibilitou conquistar a casa própria, a criação de duas filhas e viagens diversas pelo mundo. “Chego a trabalhar 15 horas por dia, perdendo completamente a noção de tempo e de espaço.” É apaixonada por todos os tipos de turmalina.

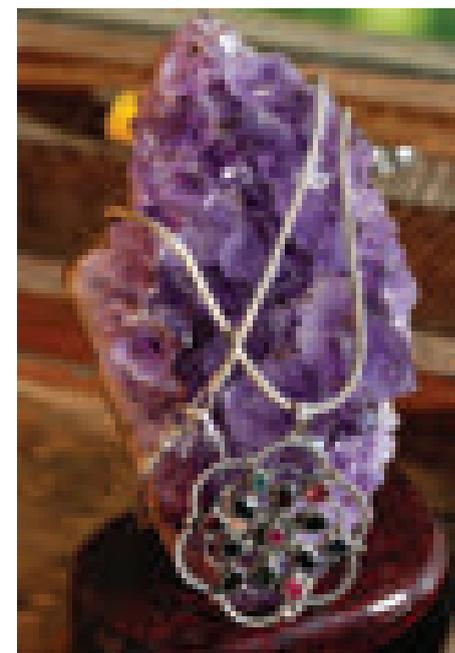
“Temos de ter respeito pelas pedras. A pedra guarda tanta energia que pode ao mesmo tempo nos atrair ou nos afastar”, diz. No geral, opta por formas mais livres, mas também utiliza referências da arquitetura barroca. Prefere os fios chatos de prata para capturar a beleza das gemas. O couro é o material alternativo que usou nas coleções Barroco e Musical, de braceletes, anéis e colares.

Rafaela Cristina da Silva, uma das filhas da artesã, está no mesmo ofício. É uma das responsáveis em levar a arte do grupo para outros países, a exemplo do Chile e da Argentina. Sua produção tira proveito da habilidade que tem para confeccionar itens com estruturas assimétricas e orgânicas. As linhas Jaboticaba, Dança e Água demonstram sua técnica em preencher as junções dos fios com esferas de prata e ametista, turmalina rosa ou topázio azul.

Fotos: Daniel Ferreira

“Temos de ter respeito pelas pedras. A pedra guarda tanta energia que pode ao mesmo tempo nos atrair ou nos afastar”

Cláudia Rosária da Silva, artesã



Fios em prata capturam a beleza das pedras

Habilidade e criatividade

ALÉM DO VALOR INTRÍNSECO, as joias agregam importantes conceitos ligados à criação, procedência e originalidade autoral. Os Prateiros do Leite reúnem, individualmente, várias habilidades: são *designers*, autores de joias, ourives e joalheiros.

O *designer* cria a peça ou a coleção. O ourives parte de um modelo para reproduzir e materializar a joia. O autor de joias é capaz de criar e executar. O joalheiro é o responsável por comercializar os itens produzidos, mas também pode fabricá-los. Reinaldo da Conceição Silva, integrante dos Prateiros do Leite, explica (fotos) os principais passos de produção, em suas oficinas.



Fotos: Daniel Ferreira

Confecção dos suportes, "caixinhas" que sustentarão as pedras. Podem ser do tipo "garras" ou "inglesas" (técnica que dispensa as garras).



Fundição da prata com uma pequena quantidade de cobre, utilizando-se um maçarico. O resultado é uma prata mais dura e resistente aos arranhões.

Finalização para que o metal (prata ou ouro) fique liso, usando-se lima e lixa ou o chamado "motor-chicote". Depois, carimba-se a peça, assegurando o quilate da joia, o seu atestado de pureza.



Polimento com pasta própria chamada de "massa verde", para que fiquem brilhosas e sem arranhão. As joias são, por fim, soldadas, que é a montagem propriamente dita. Por último, as peças são lavadas com sabão neutro, água e amônia.

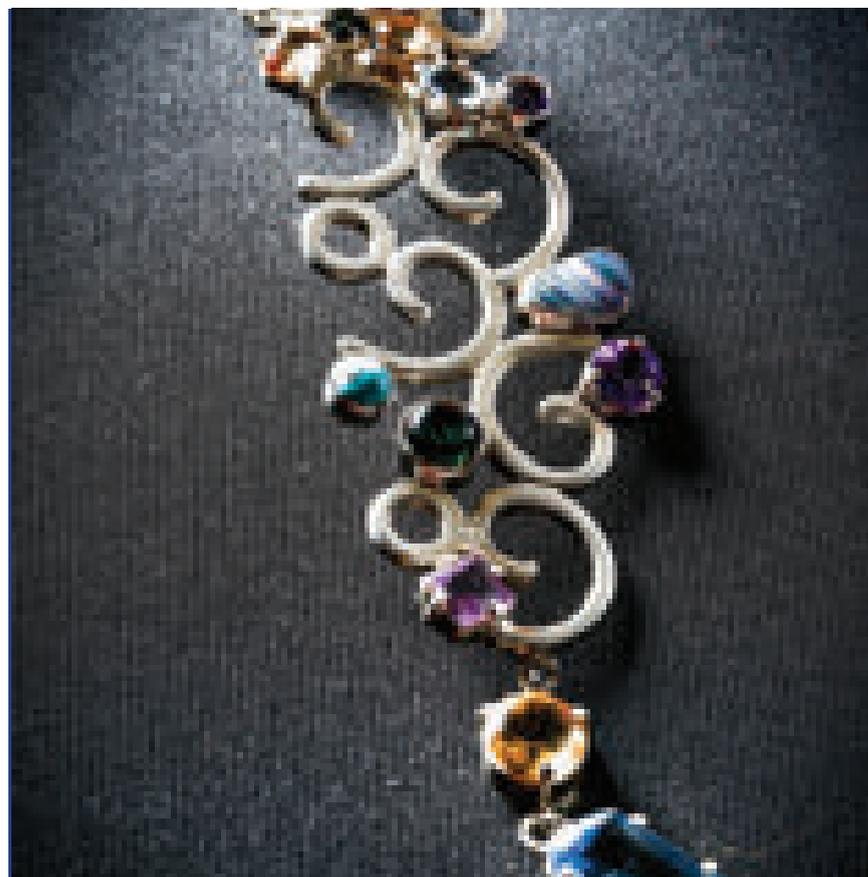


Textura e movimento

ANTES PRODUZIDAS em grande parte por encomendas, as criativas e sofisticadas joias da região de Ouro Preto (MG), hoje, são desejadas e procuradas em todo o Brasil.

Pedras preciosas, extraídas da natureza com esforço e persistência, precisam ser trabalhadas para que do estado bruto aconteçam a leveza e o necessário brilho.

Os Prateiros do Leite aprenderam como poucos a valorizar e reverenciar a arte da ourivesaria com resultados transformadores pessoais, familiares e para a comunidade.



Fotos: Daniel Ferreira



João Batista Ferreira Anjos, conhecido como Benzinho, valeu-se do seu fascínio pela variedade das pedras para compor peças de visual alegre e festivo. Como técnica, usa fios torcidos associados a pequenas gemas facetadas – topázio azul, granada, ametista e turmalina verde.

**O MOVIMENTO IMPRESSO NAS JOIAS
RENDEU ÀS LINHAS PRODUZIDAS
OS NOMES DE FITAS E NINHOS**

Reinaldo da Conceição Silva utilizou a técnica de diferentes perfis de fios de prata. Suas minicoleções – Mandala e Torção – exploram a estética de brasões e móveis coloniais a partir de arabescos compostos em prata, feldspato, ametista, peridoto, turmalina azul e granada.



**ARABESCOS
IMPRESSOS EM PRATA**

Opala, preciosa pela raridade e beleza

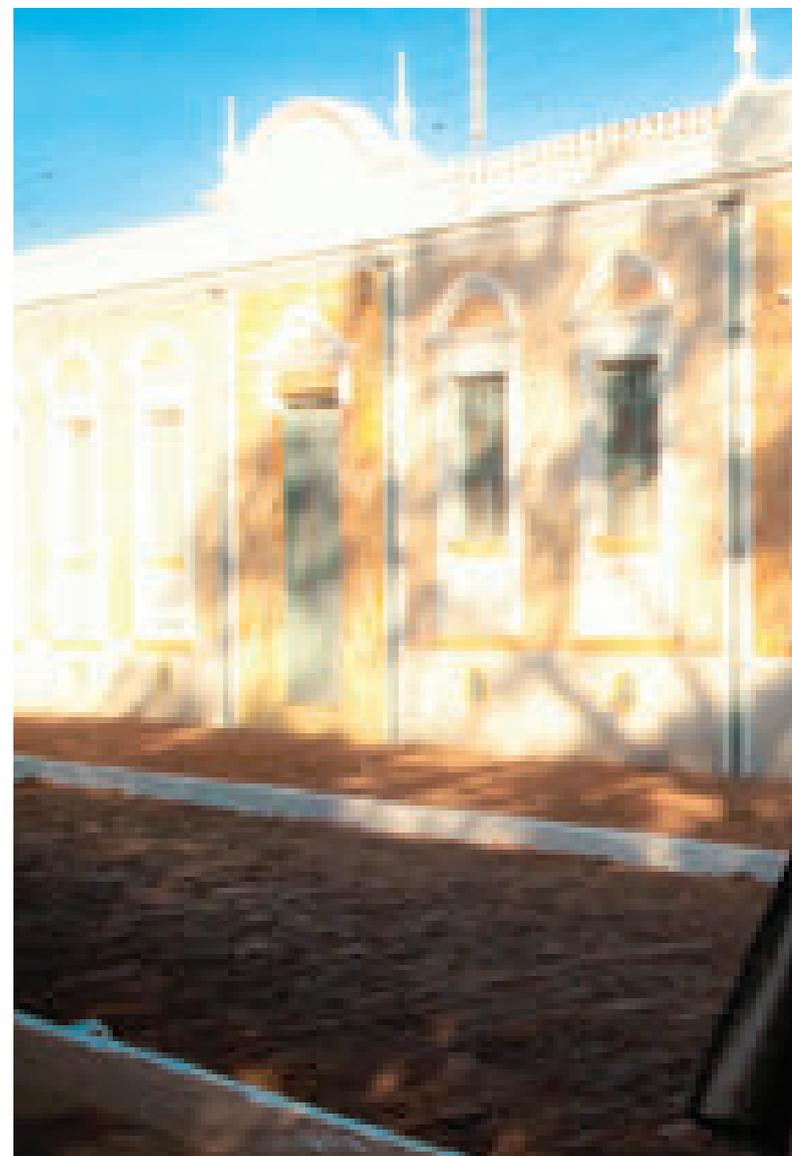
A pedra, que movimenta a economia de Pedro II, irradia as cores do arco-íris

NO BRASIL, A OPALA SÓ É ENCONTRADA EM PEDRO II, Piauí. E, fora das nossas fronteiras, apenas na Austrália. Trata-se de riqueza natural que tem gerado oportunidades de emprego e renda para a população dessa pequena e antiga cidade piauiense, de casario barroco e clima ameno.

Pedro II fica na Serra dos Matões. Entre as belezas naturais da região, destaca-se a Cachoeira do Salto Liso, com suas águas frias e cristalinas e um véu de água de cerca de 30 metros de altura. Água e opalas são irmãs na transparência e na capacidade de mimetizar as cores do entorno.

Ao dar um basta à desorganização produtiva e à mineração desenfreada, a cidade tomou as rédeas do negócio, a partir da criação de associações ligadas ao garimpo e à lapidação. Essa riqueza local, também apreciada pela pureza, é valorizada por engates perfeitos em ouro ou prata. As delicadas e finas peças já podem ser encontradas nas mais sofisticadas joalherias do Brasil e do mundo.

Entre as empresas de lapidação e fabricação de joias da cidade, destaca-se a Opalas Pedro II, ganhadora do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato. “É uma satisfação imensa estar entre as cem melhores unidades artesanais do país. Mostra que já somos reconhecidos pela excelência dos nossos produtos”, diz com entusiasmo a empresária Áurea Amélia Brandão, que já presidiu a Associação de Joalheiros e Lapidários de Pedro II (Ajolp) e dedica-se ao *design* das peças. As vendas via internet, iniciadas há um ano, representam 30% do faturamento da empresa.



Fotos: Divulgação Opalas Pedro II

A Opalas de Pedro II tem 16 funcionários e é responsável por cerca de 80 empregos indiretos. Funciona na principal avenida da charmosa cidade, que hospeda um dos principais eventos anuais do Piauí, o Festival de Inverno, que atrai artistas de renome do cenário musical brasileiro. O evento é uma oportunidade para movimentar a gastronomia e o artesanato local, também famoso pelas tapeçarias.



A cadeia produtiva da opala de Pedro II vai da extração da pedra, lapidação, montagem e comercialização das peças

Juscelino Araújo Sousa, marido de Áurea, gerente da empresa, foi o pioneiro na produção de joias em opala. Começou a lapidar pedras há mais de duas décadas, depois de fazer um curso em Pirenópolis, Goiás. Teve, então, a perspicácia de trabalhar na estruturação da cadeia produtiva da pedra, que vai da sua extração à lapidação, montagem e comercialização das peças.



“Só uma mulher pode entender o que as mulheres desejam”

Áurea Amélia Brandão, designer e comerciante



MADEIRA

Acre | Amazonas

Marchetaria do Acre

Maqueson, de Cruzeiro do Sul, aprendeu com o pai a ver possibilidades de sofisticadas peças em galhos, raízes e pedaços abandonados de madeira

Beleza feita de galhos e de raízes | 160

Aprendendo e ensinando | 164

Acessórios sofisticados | 168

Nova Esperança

Célio Arago Terêncio alia a habilidade das mãos, conquistada no ofício de carpintaria, à sensibilidade apurada no convívio com a floresta

Diversidade expressa em arte | 171

Decorativo e utilitário | 176

Fauna inspiradora | 180

Beleza feita de galhos e de raízes

Restos de madeira valem ouro para o artesão

APARENTEMENTE SEM UTILIDADE, pedaços de madeira transformam-se em painéis, porta-joias, bandejas e caixas, além de bolsas requintadas que dão o tom em vitrines no Brasil e no exterior. É o artesanato fazendo a diferença na decoração de ambientes ou na forma de acessórios de grifes conhecidas.

Sob a direção do mestre artesão Maqueson Pereira da Silva, vencedor das três edições do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato, a Marchetaria do Acre, com sede em Cruzeiro do Sul, a 700 quilômetros de Rio Branco, faz, em média, 300 peças por mês.

Boa parte da produção é exportada para países como França, Estados Unidos, China e Emirado de Dubai. Empresários, embaixadores e instituições estão na carteira de clientes da empresa que tem representantes comerciais por todo o Brasil.

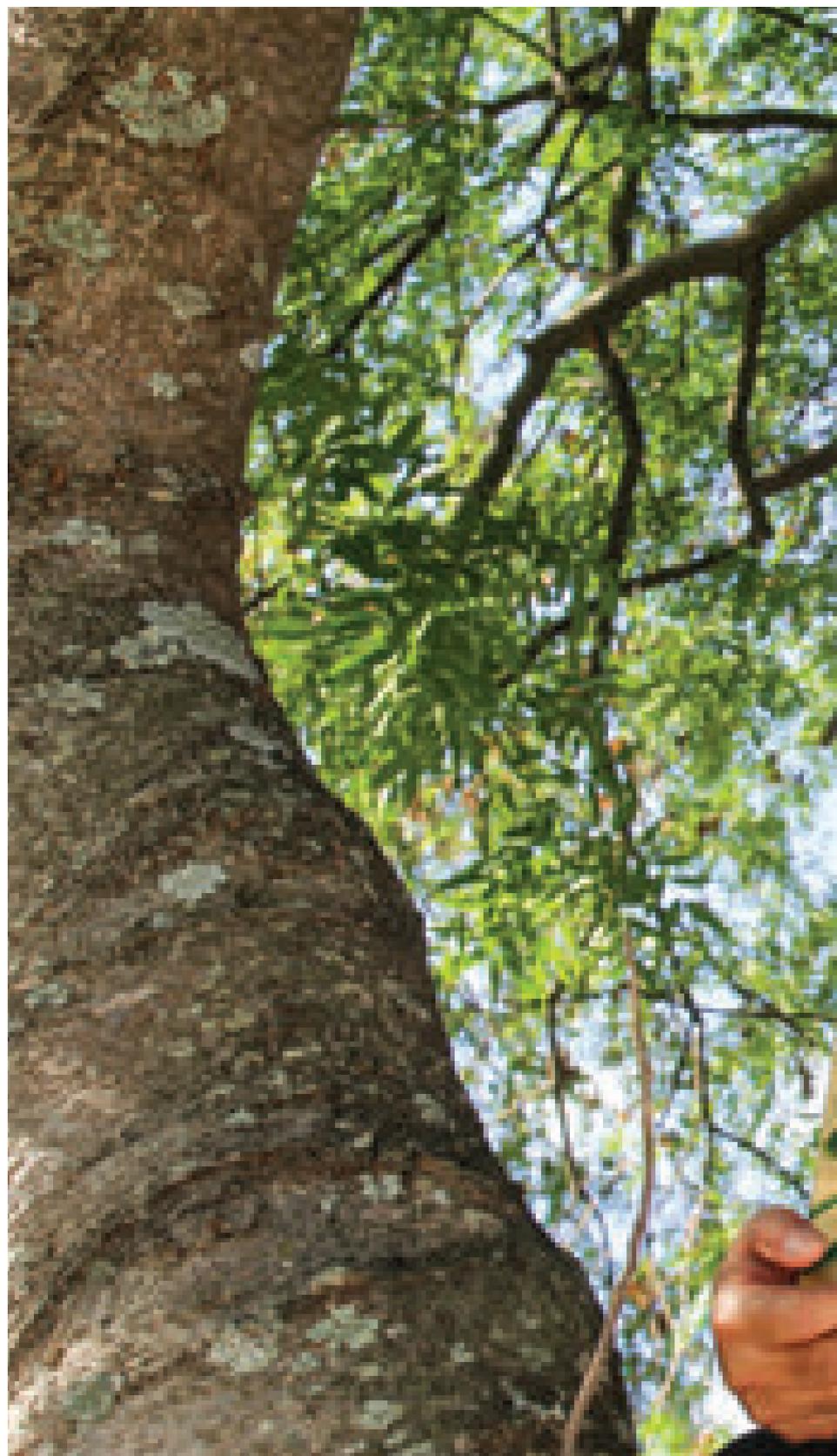


Foto: Glauco Detmar

As peças de Maqueson são inspiradas na flora e na fauna da Amazônia



MADEIRA



MARCHETARIA É A ARTE DE ORNAMENTAR SUPERFÍCIES PLANAS DE MÓVEIS, PISOS, TETOS, ENTRE OUTRAS, POR MEIO DA APLICAÇÃO DE FOLHAS FINÍSSIMAS E RECORTADAS DE DIFERENTES METAIS, MADEIRAS, PEDRAS E ATÉ MESMO OSSOS



Foto: Glaucio Detmar

Intuição criadora

MAQUESON, 57 anos, nasceu no povoado de Flora (AC), onde, até hoje, só se chega de barco ou de avião. “Com meu pai aprendi a ver as possibilidades de galhos e raízes em trabalhos de marcenaria. Passei, depois, a investigar, por conta própria, como poderia tornar ainda mais belo o que encontrava de presente na natureza. Pedacos de madeiras abandonadas e que não serão aproveitadas em móveis e construções, para mim, valem ouro,” explica.

Aos 18 anos, Maqueson deixou o Acre para ser seminarista em Salepe, Vale do Itajaí, Santa Catarina. Lá, no Instituto Padre Lieberman, administrado por padres alemães, concluiu o Ensino Médio e estudou Filosofia, Teologia e também dedicou-se à marcenaria, entre outras disciplinas.

No Instituto, Maqueson aprofundou-se na arte que mudaria sua vida. “Intuitivamente eu pegava sobras de madeira e as transformava em formas geométricas, como um quebra-cabeça”, lembra. “Um dia, um dos padres disse-me que era marchetaria o que eu fazia e que eu já tinha bastante domínio da técnica.”

Aprendendo e ensinando

O INTERESSE PELA ARTE levou Maqueson para bem longe. Viveu duas temporadas na Alemanha e na Itália, países em que estudou não só marchetaria, mas diferentes técnicas e teorias artísticas. Em 1997, depois de quase duas décadas de andanças pelo Brasil e pelo mundo, retornou ao Acre. “A floresta é o meu *habitat*”, diz.

Maqueson buscou, então, o Sebrae para melhor implantar seu negócio. “Firmamos uma parceria leal e contínua,” ressalta. Com o apoio de outra instituição, o Senai, ensina, hoje, gratuitamente o ofício.

A maior parte da madeira usada pelo artesão vem do próprio Acre, mas também trabalha com matéria-prima de outras origens, principalmente para fazer painéis artísticos. A madeira, segundo ele, tem o poder de encanto e aconchego. Entre as mais usadas estão: mogno, cerejeira, sucupira, imbuia, cedro, caviúna, muirapiranga e ipê.



Fotos: Divulgação Sebrae



Foto: Glaucio Detmar

A PREPARAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA PARA TRABALHOS EM MARCHETARIA ENVOLVE A COLETA DAS MADEIRAS EM MEIO À FLORESTA, PROVENIENTE DE ÁRVORES CAÍDAS; RETIRADA DE RAÍZES, TRONCOS E GALHOS RETORCIDOS; COZIMENTO DA MADEIRA EM PEDAÇOS; FATIAMENTO DA MADEIRA EM LÂMINAS EM TORNO DE UM CENTIMETRO; SECAGEM EM ESTUFA; LAMINAÇÃO E NOVA SECAGEM



Cortes e recortes

MAQUESON CONTA com a colaboração dos mateiros da região e de várias comunidades locais para a coleta de madeiras. É um grande defensor da floresta. A cidade de Cruzeiro do Sul (AC) está exatamente na região do Alto Juruá – a maior reserva de biodiversidade do planeta.



Fotos: Glauco Detmar

Depois de feito o desenho no papel, a marchetaria requer a escolha das madeiras, conforme a textura ou o efeito desejado. O passo seguinte é o recorte do papel e da madeira com base no molde.

O molde é substituído pela madeira, compondo o desenho. É feita então a colagem do desenho em uma base de madeira e prensagem por 24 horas. A parte final é a remoção de resíduos, lixamento e polimento da peça.



Acessórios sofisticados

MAQUESON PRODUZIU a primeira coleção de bolsas, modelo *clutch* (de mão), ao ser procurado pela estilista Fernanda Yamamoto. A partir daí, o artesão foi atrás de consultorias de *design* e começou a criá-las.

A exclusividade dos desenhos e o requinte no acabamento do trabalho chamaram a atenção do exigente mercado da moda nacional e internacional. Além do São Paulo *Fashion Week* (SPFW), as bolsas já desfilaram pelas passarelas de Nova York, Milão, Londres, Paris e Tóquio.

Fotos: Divulgação Sebraz



“Se queremos continuar a viver da floresta, temos de viver também pela floresta”

Maqueson, artesão



Exclusividade dos desenhos e requinte no acabamento

MADEIRA



Diversidade expressa em arte

O artesanato dá perenidade e mobilidade ao encantamento local

A BELEZA E A DIVERSIDADE DA FAUNA E DA FLORA expressam a grandeza da Amazônia. Sustentadas pela imensidão das águas de seus rios e igarapés, alimentam e inspiram a arte das comunidades ribeirinhas. O artesanato é a forma de espalhá-las pelo Brasil e mundo afora, na forma de pequenos animais, que são verdadeiras esculturas, adornos femininos, banquinhos, fruteiras, cestaria utilitária e decorativa.

Famílias indígenas provenientes do Médio Solimões e do Alto Rio Negro, como também as que haviam se estabelecido em Manaus, antes dispersas, vêm se reunindo novamente, em áreas às margens do rio Cuieiras, afluente do rio Negro, e fundaram as comunidades de Três Unidos, Nova Esperança, Boa Esperança, Barreirinha, além de Terra Preta e São Tomé. As comunidades são marcadas pela diversidade étnica.

**A COMUNIDADE DE
NOVA ESPERANÇA
REÚNE 23 FAMÍLIAS
DA ETNIA BARÉ,
TODAS PARENTES**

Dias de distância

DISTÂNCIAS NO AMAZONAS MEDEM-SE NÃO SÓ EM HORAS, mas também em dias. A quilometragem, muitas vezes, não quer dizer nada, se o acesso se dá apenas por barco. O avião é de grande valia, mas é caro. De barco, são três, quatro, dez ou até mesmo trinta dias de Manaus até onde se quer chegar. É o que ouvimos, quando perguntamos por algum ponto solitário no grande mapa do Estado.

Conviver com tais distâncias, meios de transportes intermitentes, calor que não dá trégua e tanta água, molda o jeito de pensar de quem vive em Manaus ou em cidades menores, vilas e comunidades ribeirinhas. A localização é definida por nomes dos braços e igarapés do Rio Negro.

Os pais do artesão Célio Arago Terêncio (Silvério e Otilia) vieram de Santa Isabel do Rio Negro, distante 737 quilômetros de Manaus, três dias de barcos da linha regional, 18 horas de lancha rápida ou uma hora e meia de avião. É na região de Santa Isabel que fica o ponto mais alto do Brasil, o Pico da Neblina.

Deixaram a floresta mais profunda por falta absoluta de condições de vida. Em Manaus, aprendeu o ofício da carpintaria, que depois repassaria ao filho. Silvério e Célio são mestres na arte de fazer cabanas e chapéus de palhas, construções vazadas e cobertas. Alguns deles com tamanho suficiente para abrigarem restaurantes em hotéis da região que operam na área de turismo ecológico e sustentável.



CÉLIO ARAGO TERÊNCIO, QUE TAMBÉM SE CHAMA PIRA-AÇU (PEIXE COMPRIDO NA LÍNGUA NHEENGATU). É CASADO E PAI DE CINCO FILHOS. LIDA NO DIA A DIA COM A RUSTICIDADE, AS ASPERZAS, AROMAS E COLORIDOS DAS MADEIRAS NATIVAS. NASCEU À BEIRA DO RIO TARUMÃ, QUE DEU NOME AO BAIRRO CONSIDERADO O PONTO INICIAL DA COLONIZAÇÃO DA CIDADE DE MANAUS



Fotos: Glaucio Detmar

Célio Arago Terêncio e família vivem e trabalham na comunidade Nova Esperança (AM)



O artesão com a esposa Luciana (Awa-Puru); as filhas Gabriela (Saçai) e Ana Luisa (Mirim); e os filhos Guilherme (Aganca-Asú) e Maurício (Wirá-asú)



Vida nova

A ETNIA BARÉ SOFREU UM FORTE IMPACTO no contato com os brancos e chegou a ser considerada extinta no Brasil. Mas eis que com o apoio de organizações não governamentais, em parceria com o Sebrae e outras instituições oficiais e privadas, reaparecem, agora, com trabalhos artesanais bastante ricos, sem abandonarem crenças e práticas tradicionais. Muitas delas incorporadas de outras etnias do Rio Negro.

O território dos Baré estendia-se de Manaus a todo o médio e alto rio Negro, alcançando os limites dos antigos impérios espanhol e português. A língua que falavam era do ramo Aruak. Hoje falam uma língua geral difundida por missionários católicos no período colonial, o Nheengatu, forma simplificada do tupi antigo.

Em 1996, aos 17 anos, Célio, já casado, acompanhado dos pais, da esposa e da primeira filha, deixou Tarumã, bairro de Manaus. Reuniram-se às demais 22 famílias, todas parentes, em Nova Esperança, às margens do Rio Cuieira.

Lá teriam espaço para roças, pesca abundante, oportunidades de trabalho em carpintaria e na produção de artesanato. A comunidade fica a seis horas de Manaus, mas levando-se em conta as especialíssimas características geográficas e a vastidão territorial do Amazonas, considera-se que também faz parte do entorno da grande cidade de dois milhões de habitantes.

A ANTIGA LÍNGUA DOS BARÉ ERA DO RAMO ARUAK. HOJE FALAM UMA LÍNGUA GERAL DIFUNDIDA POR MISSIONÁRIOS CATÓLICOS NO PERÍODO COLONIAL, O NHEENGATU, FORMA SIMPLIFICADA DO TUPI ANTIGO



Decorativo e utilitário

DURANTE A IMPLANTAÇÃO do projeto *Brasil Original*, no Amazonas, foram feitas diversas capacitações com artesãos, para que seus produtos fossem mais valorizados, além de ações para promoção comercial e de sustentabilidade.

Em 2015, teve início uma nova fase do projeto. O *designer* Sérgio Matos trabalhou com os artesãos dos municípios São Gabriel da Cachoeira e Barcelos, no desenvolvimento de novos produtos que geraram maior valor às peças. Esse trabalho derivou do resultado de pesquisa aplicada durante o lançamento da loja *Brasil Original*, em Manaus.





Fotos: Glauco Dettmar



A pesquisa identificou o desejo dos consumidores por peças decorativas e utilitárias. Outras capacitações de gestão também foram realizadas com o objetivo de melhorar cada vez mais a participação dos artesãos no mercado nacional.

O Sebrae no Amazonas atua na comunidade em parceria com o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ). O Instituto, que começou com o *Projeto Mico-Leão-Preto*, agora conta com mais de 90 profissionais trabalhando em mais de 40 projetos pelo Brasil, incluindo as comunidades do Rio Negro (AM) e Pantanal (MS).

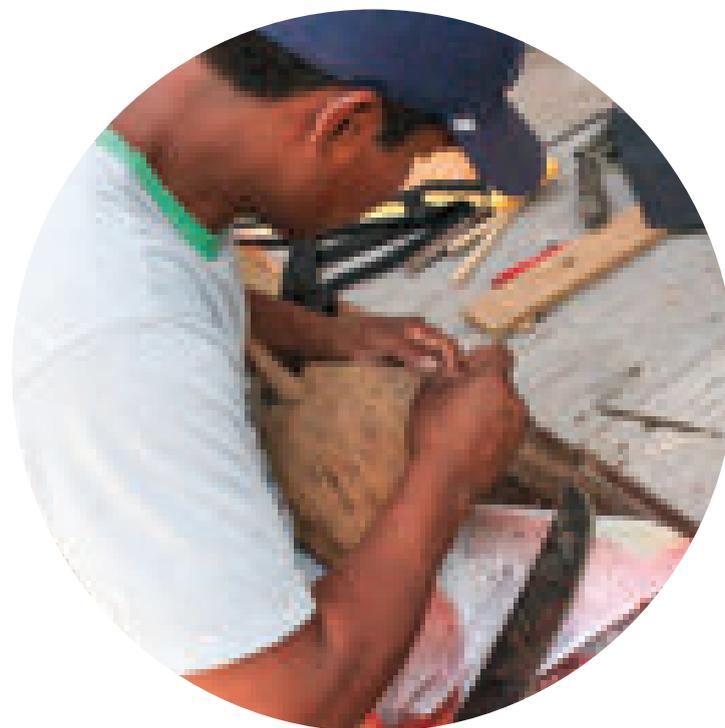
NA COMUNIDADE NOVA ESPERANÇA, QUE REÚNE 23 FAMÍLIAS DA ETNIA BARÉ, MENINOS APRENDEM O OFÍCIO COM OS PAIS E AS MENINAS COM AS MÃES



Mais renda

EM NOVA ESPERANÇA, Célio continuou na carpintaria. E, como nem sempre tinha trabalho, resolveu arriscar-se na produção de peças que poderiam ser oferecidas aos turistas.

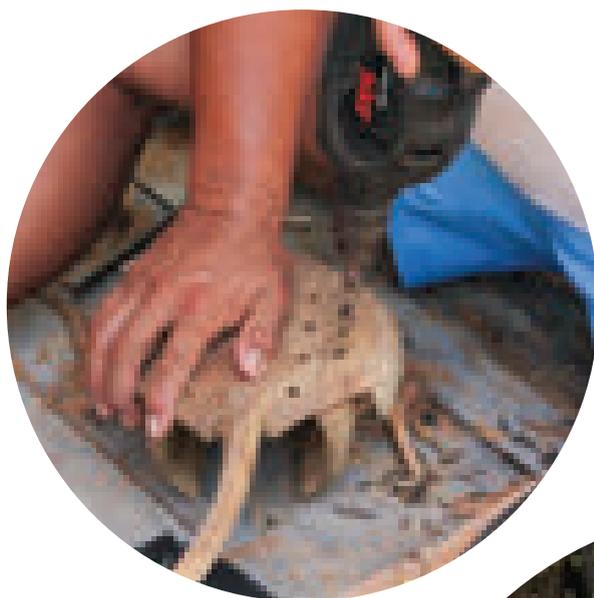
As primeiras foram miniaturas de barcos que comprovaram seu jeito especial no trato com a madeira, tanto na produção mais rústica quanto na mais delicada.



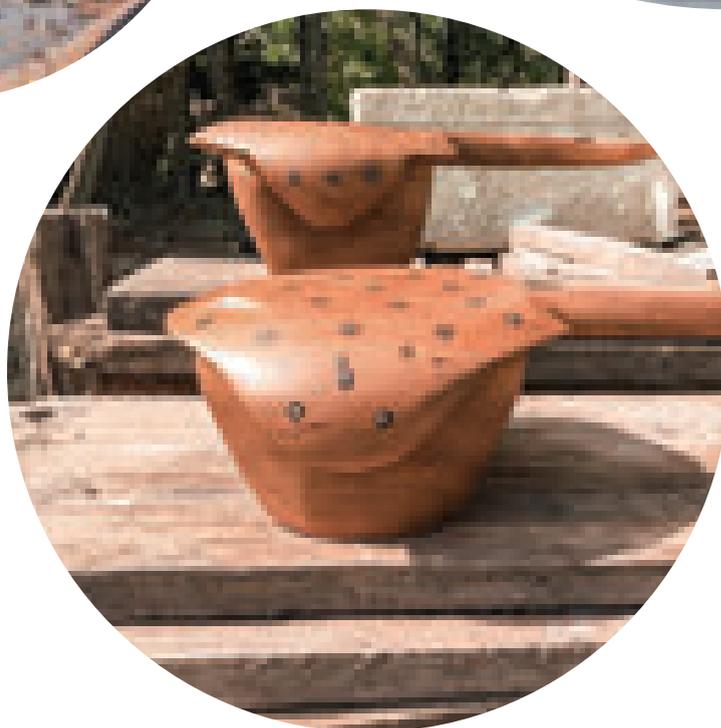
Fotos: Sérgio Matos



Banquinhos em formato de arraias exigem apuro técnico nas várias etapas de montagem, além de cuidados especiais no acabamento.



As peças são pacientemente lixadas até que revelem toda a beleza e cor natural da madeira. Depois disso, são enceradas. Nada de vernizes.



A coleta da madeira obedece aos princípios de sustentabilidade, disseminados nas ações de apoio do Sebrae e parceiros. As capacitações dotaram a comunidade de maior organização produtiva e critérios para precificação das peças.

Fauna inspiradora

OS ARTESÃOS DE NOVA ESPERANÇA, que já vinham obtendo sucesso, reproduzindo, em madeira, animais da fauna local, passaram a fazer peças utilitárias neles inspirados.

As mulheres deixaram de trabalhar apenas na confecção de adornos e apostam em objetos de grande efeito decorativo. Entre elas, fruteiras de sementes de açaí. O maior retorno financeiro foi imediato.

Fotos: Glaucio Dettmar



“Desenvolvimento de novos produtos é a chave do artesanato com visão de negócio e foco na ampliação de renda e da qualidade de vida das famílias de Nova Esperança”

Lílian Simões,
Sebrae no Amazonas



Tatu

Os tatus têm grande importância ecológica. Alimentam-se de insetos, contribuindo para um equilíbrio de populações de formigas e cupins. Caracterizam-se pela armadura que cobre o corpo. Nativos do continente americano, habitam savanas, cerrados matas ciliares e florestas molhadas.



Arriais

Figuram entre os mais primitivos de todos os vertebrados existentes. Existem há mais 350 milhões de anos. Têm a anatomia de um peixe achatado no sentido dorsoventral, dotado de nadadeiras pares, que atuam como abas móveis, auxiliando-as na propulsão e na orientação na água. As de água doce apresentam variedades nas cores e têm valor como ornamentos de aquários.

Boto

Designa, de forma geral, golfinhos. É um mamífero da ordem cetácea, nativo da Amazônia e das costas do Atlântico, Pacífico, Índico, Mar Adriático, Mar Árabe, Mar Cáspio, Mar Vermelho e Golfo Pérsico. Os botos são dos poucos mamíferos dessa ordem com representantes vivendo exclusivamente em ambientes de água doce.



Viagem pelo Brasil

Peças expostas ou à venda no CRAB mostram nossas cores, formas e sabores, nosso mosaico cultural

OS ARTIGOS E CASOS DE SUCESSO NARRADOS nesta publicação relatam bem o quanto o Sebrae e parceiros evoluíram nas estratégias de apoio à produção artesanal. Mostram também que essas ações seguem um rumo e podem ser aperfeiçoadas, na certeza de que continuarão contribuindo para o desenvolvimento e a profissionalização do segmento, além de maior inclusão social e distribuição de renda.

Caminhamos rapidamente neste processo de construção de uma nova imagem para o artesanato brasileiro. Nossos artesãos mostram que podem oferecer peças inovadoras, que incorporam o moderno ao tradicional e retratam o nosso mosaico cultural. Vivemos um momento precioso de consolidação desse trabalho. O CRAB abre as portas, não só como a casa do artesanato contemporâneo, mas como um acontecimento da arquitetura, do restauro, da arte e da vida cultural brasileira, instalado no coração da cidade do Rio de Janeiro e ligado a todo o Brasil.

O CRAB é uma plataforma física e digital de construção e disseminação de conhecimento. Nosso desafio é fazê-lo reconhecido como centro de excelência e inovação, capaz de agregar valor e dar visibilidade nacional e internacional à diversidade criativa brasileira, por meio do indispensável diálogo do artesanato com o *design*, as artes visuais, a moda, a arte e a cultura popular.

Por se tratar de um lugar de alta atratividade estética, tecnológica e de conhecimento, terá uma programação permanente que motive a frequência contínua de moradores da cidade e turistas de diferentes perfis. A proposta de

aliar produção de conhecimento à comercialização e exposição dará vida aos espaços, eventos, café, restaurante e loja. O CRAB funcionará também como uma grande central física e eletrônica de escoamento da produção de centenas de unidades produtivas espalhadas pelo nosso país. O visitante, ao percorrer os diferentes espaços, fará uma viagem pelas cores, formas e sabores do Brasil.

“Programação do CRAB deve atrair cariocas e visitantes dos mais variados perfis”

**Paulo Alvim,
Coordenador do CRAB**



Foto: Daniel Ferreira

Fotos: Renata Monteiro/Sebrae RJ



Leve o artesanato para casa

ABAIXO, ONDE VIVEM os artesãos citados neste livro e os contatos para compra de suas peças:



Casa da Boneca Esperança

Páginas 24/25

Produto: bonecas
Material: retalhos de tecidos
Localização: Esperança, (PB)
Contato: (83) 3361-3320 / 9999-0135

Renda Irlandesa

Páginas 44/45

Produtos: caminhos de mesa, toalhas, blusas, vestidos, bolsas
Material: linha, fita e tecido
Localização: Divina Pastora, (SE)
Contatos: Maria José (79) 8883-0620
 Elizabete Raimundo (79) 3271-1306

Flor de Xaraés

Páginas 48/49

Produtos: objetos de decoração
Material: madeira
Localização: Campo Grande (MS)
Contato: Claudia Castelão
 (67) 3029-5648 / 9117-4330

Bordadeiras de Poço Redondo

Página 56/57

Produtos: peças para cama e mesa.
Material: linha e tecido
Localização: Poço Redondo (SE)
Contatos: renda de bilro
 Maria Dominga dos Santos Neto
 (79) 8829-7763
 Cooperativa "Um Sonho a Mais"
 (79) 3337-7134

Bordadeiras de Entremontes e Ilha do Ferro

Página 54

Produtos: peças para vestuário, cama e mesa, cortinas
Material: linha e tecido
Localização: Piranhas e Pão de Açúcar (AL)
Contatos: (82) 3686-6023 / (82) 3624-8013 / 3624-8018



Tecelagem de Poço Verde

Página 57

Produtos: redes, tapetes, colchas e almofadas
Material: fios
Localização: Povoados Amargosa e Malhadinha, município de Poço Verde (SE)
Contatos (79) 9939-0360 / 9985-9742

Ceramistas e Artesãos do Cabo de Santo Agostinho

Páginas 60

Produtos: peças para serviços de mesa
Material: argila
Localização: Cabo de Santo Agostinho (PE)
Contatos: (81) 3521-5760 / 8824-4827 e 8888-8278

Grupo Cana Brava

Páginas 61

Material: palha
Produtos: cestos, fruteiras, revisteiros, luminárias
Localização: Ponta de Pedras, Goiana (PE)
Contatos: (81) 9155-3376 / 9697-0344

Poti Velho

Páginas 64/65

Produtos: vasos, filtros, peças para jardins, bonecas
Material: argila
Localização: Poti Velho, Teresina (PI)
Contatos: (86) 94443-3250

Panelas de Goiabeiras

Páginas 68 a 77

Produtos: panelas
Material: argila
Localização: Bairro Goiabeiras, Vitória (ES)
Contatos: Galpão das Panelas
 (27) 3327-0519



Associação Coqueiro do Campo

Páginas 78/79

Produtos: bonecas**Material:** argila**Localização:** Coqueiro do Campo (MG)**Contato:** (38) 3527-0024**Espedito Seleiro**

Páginas 82 a 89

Produtos: selas, calçados, bolsas, carteiras, gibões, móveis**Material:** couro**Localização:** Nova Olinda (CE)**Contatos:** (88) 3546-1432 / 99927-0402**Dr. Borracha**

Páginas 90/91

Produtos: sandálias, sapatos, botas e acessórios**Material:** látex**Localização:****Contatos:** (68) 3216-2159**Tapeceiras do Timbi**

Páginas 94 a 103

Produtos: tapetes, painéis decorativos, bolsas**Material:** fios e linhas**Localização:** Camaragibe (PE)**Contato:** (81) 3458-6205**Fatinha de Olhos d'Água**

Páginas 112 a 125

Produtos: nossas senhoras, santos e anjos**Material:** palha de milho**Localização:** Olhos D'Água, (GO)**Contato:** Loja/Ateliê Fibras e Fios
(62) 3322-6197**Associações Mulheres de Fibra e Rio Grande**

Páginas 126/127

Produtos: chapéus, bolsas, toalhas, jogos americanos, calçados e adornos**Material:** fibras de buriti, de tucum e de babaçu**Localização:** São Luis (MA)**Contatos:** Mulheres de Fibra: (98) 8143-3890
Rio Grande: (98) 3241-1114**Redeiras da Colônia São Pedro**

Páginas 130 a 139

Produtos: bolsas, acessórios e biojoias**Material:** fios de redes recicladas, couro e escamas de peixe**Localização:** Colônia de Pescadores São Pedro, Lagoa dos Patos (RS) e Loja do Mercado Municipal de Pelotas (RS).**Contatos:** (53) 8117-3628**WS Artes**

Páginas 140/141

Produtos: artigos para mesa e decoração**Material:** resíduos de couro de bode**Localização:** Olinda (PE)**Contatos:** (81) 9259-5433**Prateiros do Leite**

Páginas 144/155

Produtos: joias**Material:** prata e pedra**Localização:** Santo Antonio do Leite (MG)**Contatos:** Associação Prateiros do Leite
(31) 98692-3050 / 3553-4245**Opalas de Pedro II**

Páginas 156/157

Produtos: joias**Material:** opalas, prata e ouro**Localização:** Pedro II (PI)**Contatos:** Associação de Joalheiros e Lapidários
(86) 3271-1087**Marchetaria do Acre**

Páginas 160 a 169

Produtos: painéis decorativos, caixas e bolsas**Material:** galhos e raízes madeiras recolhidos da floresta**Localização:** Cruzeiro do Sul (AC)**Contatos:** (68) 3222-6206 / 9987-3311**Célio Arago Terêncio**

Páginas 172 a 181

Produtos: bancos e animais**Material:** pedaços de troncos e raízes encontrados na floresta**Localização:** Comunidade de Nova Esperança, Manaus (AM)**Contato:** (92) 98219 5107 / 9476 4359

CRAB

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO

SEBRAE

*Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas*